

ISBN 978-85-86471-39-1



9 788586 471391



# Atlas do Desenvolvimento Humano no RECIFE

Democratizando e disseminando informações

## Guia de Utilização do Atlas Municipal

REALIZAÇÃO



APOIO





## Atlas do Desenvolvimento Humano no RECIFE

Democratizando e disseminando informações

# Guia de Utilização do Atlas Municipal

REALIZAÇÃO



APOIO



FASE – Federação de Orgãos para Assistência Social e Educacional

Prefeitura do Recife

Recife, dezembro de 2008

# APRESENTAÇÃO

Disseminar as informações do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, para que gestores e agentes sociais aperfeiçoem o diagnóstico, o planejamento e o monitoramento de políticas públicas, é o objetivo deste guia, resultado de uma parceria entre a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE PE) / Observatório Pernambucano de Políticas Públicas e Práticas Sócioambientais (OBSERVATÓRIO PE), a Prefeitura do Recife (Projeto de Desenvolvimento Humano Sustentável no Recife e Região Metropolitana - BRA 01/032), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

O uso de todos os recursos do Atlas requer uma série de procedimentos ainda pouco difundidos. A ideia deste guia é explorar esses procedimentos e as potencialidades do Atlas numa linguagem mais fácil, de forma a torná-lo mais acessível aos usuários.

A ampliação do acesso ao Atlas possibilita a reflexão sobre as desigualdades internas do Recife e auxilia a formulação de diagnósticos e estratégias voltados para as áreas mais vulneráveis da cidade e focados no desenvolvimento humano das populações mais carentes do município.

Este guia contém duas partes. A primeira resgata o ensaio **“Recife: desenvolvimento e desigualdade”**, feito para o Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, o qual introduz considerações sobre os conceitos de desenvolvimento e desenvolvimento humano e sintetiza as análises realizadas a partir da realidade do Recife. A segunda parte oferece um manual didático aos mais diversos usuários do **Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife**.

Além dessa publicação, o Banco do Nordeste do Brasil, por meio do convênio de assistência técnica e financeira celebrado com a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, colaborou financeiramente com a reprodução de mais 1.500 CD-ROMs do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife e a realização de Oficinas de Capacitação com agentes multiplicadores-gestores e representantes de movimentos sociais.

---

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Recife: Democratizando e disseminando Informações — Guia de Utilização do Atlas Municipal. Jan Bitoun, Livia Izabel Bezerra de Miranda, Maria das Graças Duarte de Paiva (organizadores). Recife: FASE — Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Prefeitura do Recife, 2008. Apoio PNUD, Banco do Nordeste.

90p.: il., fig., tab., graf., quadros.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Desigualdades. 3. Políticas Públicas, I. Jan Bitoun. II. Livia Izabel Bezerra de Miranda. III. Maria das Graças Duarte de Paiva. IV. Título

Cód.: 86471  
ISBN.: 978-85-86471-39-1  
CDD. 710

# SUMÁRIO

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que é o Atlas? | 7

Por que um Atlas de “Desenvolvimento Humano”? | 8

A quem se destina o Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife? | 9

## PRIMEIRA PARTE

**Recife: desenvolvimento e desigualdade | 10**

Brasil: o Recife e o debate sobre o desenvolvimento | 10

Principais questões reveladas no Atlas | 15

Matriz de desigualdade *versus* políticas sociais | 15

Espaço e população-alvo na execução de programas sociais | 18

O Recife e outras capitais: destaque de alguns fatos revelados pelo Atlas | 20

## SEGUNDA PARTE

**Como usar o Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife? | 26**

O *software* do Atlas | 26

Conteúdo acessível por meio de consultas | 26

Estatísticas descritivas | 54

Como fazer Mapas Temáticos | 58

Imagens de Satélite e Mapas de Sistema Viário | 82

Diagrama de Dispersão | 85

Perfis | 88

Textos analíticos | 90

# CONSIDERAÇÕES INICIAIS

## O QUE É O ATLAS?

O Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife é uma ferramenta de conhecimento do município e das condições de vida de seus moradores. Possibilita conhecer aspectos da realidade socioeconômica do Recife e identificar desigualdades sociais entre a população que ocupa as diferentes áreas do seu território. Nasceu de uma parceria entre a Prefeitura do Recife, o PNUD, o Ministério da Integração Nacional, a Fundação João Pinheiro e o Governo do Estado de Pernambuco/Agência Condepe-Fidem, por meio do projeto “Desenvolvimento Humano Sustentável no Recife e Região Metropolitana”. Foi lançado em 2005 em CD-ROM e também na internet – nos *sites* da Prefeitura do Recife (<http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006>) e do PNUD (<http://www.pnud.org.br>).<sup>1</sup>

Contém um banco de dados eletrônico de fácil acesso, com cerca de 200 indicadores baseados nos microdados dos censos demográficos do IBGE (1991 e 2000), além do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e de seus subíndices referentes a educação, longevidade e renda. As informações são apresentadas não só em forma de tabela. As características físicas do território aparecem em imagens de satélite e mapas de vias e logradouros públicos.

No Atlas, os dados estatísticos são divididos por regiões político-administrativas (RPAs), microrregiões, bairros, zonas especiais de interesse social (Zeis) e unidades de desenvolvimento humano (UDHs), agrupamento de setores censitários com o mínimo de 400 domicílios da amostra do Censo de 2000, feito de acordo com as características socioeconômicas da população.

---

1. Há duas versões do Atlas, uma em CD-ROM e outra disponível na internet (com menos recursos de mapas de vias e de imagens de satélite, porém mais leve, para poder ser baixada com maior facilidade).

O Atlas traz ainda textos que explicam a metodologia adotada e um artigo sobre o conceito de desenvolvimento humano sustentável e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Além disso, abriga um conjunto de ensaios sobre os indicadores sociais, contextualizando o Recife em nível nacional, regional, metropolitano e intramunicipal, nas áreas de demografia e saúde, desigualdade de renda e pobreza, padrões de educação, habitação e vulnerabilidade social.

## POR QUE UM ATLAS DE “DESENVOLVIMENTO HUMANO”?

O desenvolvimento humano só ocorre quando todos se apropriam das informações que ajudam a superar os obstáculos à ampliação do bem-estar e à participação da comunidade na construção de uma cidade mais justa. O Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife foi concebido para destacar, em cada canto do município, as desigualdades de acesso ao bem-estar, pois entende-se que a redução dessas desigualdades é imprescindível para melhorar o desenvolvimento da cidade.

O desenvolvimento humano “tem a ver com a criação de um ambiente no qual as pessoas possam desenvolver o seu pleno potencial e levar vidas produtivas e criativas de acordo com suas necessidades e interesses. As pessoas são a verdadeira riqueza das nações. O desenvolvimento tem a ver, portanto, com o alargamento das escolhas que as pessoas têm para levar uma vida a que deem valor. E tem a ver com muito mais do que o crescimento econômico, que é apenas um meio — ainda que muito importante — de alargar as escolhas das pessoas (...). As capacidades mais elementares para o desenvolvimento humano são: ter uma vida longa e saudável, ser instruído, ter acesso aos recursos necessários para um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade. Sem estas, muitas outras escolhas simplesmente não estão disponíveis e muitas oportunidades na vida mantêm-se inacessíveis.”

(PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano, 2001). <http://www.pnud.org.br>

## A QUEM SE DESTINA O ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO RECIFE?

Este guia não foi produzido para um público específico. Ele pode servir a diversos segmentos sociais e profissionais: estudantes, professores e pesquisadores, trabalhadores da educação, saúde e assistência social, técnicos dos governos federal, municipal e estadual, políticos, lideranças comunitárias e de movimentos sociais, profissionais da informação, empresários interessados em localizar seus empreendimentos.

Para quaisquer desses usuários, o Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife permite a elaboração de diagnósticos, estudos e documentos úteis para conhecer melhor a diversidade do município, pois a ferramenta gera mapas de vários territórios da cidade. Além disso, o software traz um banco de dados sobre esses vários territórios, dividido em oito grandes temas: **caracterização, demografia, educação, renda, habitação, vulnerabilidade, população e desenvolvimento humano**. Para aproveitar melhor o Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, é preciso entender como ele associa as diversas informações cartográficas e estatísticas.

# PRIMEIRA PARTE

## RECIFE: DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE

### Brasil, o Recife e o debate sobre o desenvolvimento

Durante muito tempo, os conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento foram usados com o mesmo sentido, ou seja, acreditou-se que o crescimento da produção e da produtividade da economia promovia o desenvolvimento. Mas a análise da evolução econômica mundial, especialmente à luz do que ocorreu na América Latina, na Ásia e na África, demonstrou, empiricamente, que isso nem sempre ocorre. Muito ao contrário, ficou confirmado que pode ocorrer um aumento do nível da atividade econômica com a persistência de baixos índices de bem-estar social. Foi o que aconteceu no Brasil como um todo – e Recife é uma ilustração típica dessa realidade capitalista.

Celso Furtado (1974) foi um dos raros economistas a ousar admitir que o desenvolvimento econômico, tal como é praticado pelos países que lideraram a revolução industrial, não pode ser universalizado. Tratar-se-ia do “mito do progresso da revolução burguesa”, responsável pela formação da sociedade industrial moderna, mas irreproduzível em escala mundial. As ideias desse respeitado economista brasileiro faziam eco, no intenso debate mundial, sobre o verdadeiro significado do que venha a ser um virtuoso processo de desenvolvimento.

Um dos eixos centrais do recente debate foi conduzido pelos que questionavam a sustentabilidade do padrão de relação homem-natureza, estabelecido nos últimos séculos. Os estudos do Clube de Roma, as iniciativas mobilizadoras do movimento ambientalista, as discussões na Academia e nos Fóruns internacionais foram contribuindo para a anexação do adjetivo “sustentável” ao vocábulo “desenvolvimento”.

Em 1987, um novo conceito foi adotado pelo relatório coordenado pela ex-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland (BRUNDTLAND, 1992)

para a Organização das Nações Unidas. Ela dizia que um desenvolvimento é duradouro quando “responde às necessidades do presente sem colocar em perigo as capacidades das gerações futuras para fazer o mesmo”. A solidariedade intergeração era o apelo central aos integrantes da Eco-92, cúpula mundial realizada no Rio de Janeiro, quando o “desenvolvimento sustentável” foi o centro das discussões. A partir daí, o uso desse conceito foi amplamente difundido e a noção de sustentabilidade vem sendo objeto de crescente aperfeiçoamento.

Uma outra formulação do conceito de desenvolvimento sustentável propõe que sua implementação expresse o “reconhecimento de que as forças de mercado abandonadas à sua livre dinâmica não garantem a não destruição dos recursos naturais e do ambiente”. É isso o que defende o economista e consultor ambiental espanhol Antxon Olabe.

Mas o debate mundial sobre a sustentabilidade do desenvolvimento tem despertado grandes polêmicas. Em um extremo se situam os ecologistas radicais, que defendem o crescimento zero para pôr fim à tendência de esgotamento dos recursos naturais. Em outro extremo estão aqueles que acham que o progresso tecnológico permitirá resolver todos os problemas ambientais e que o crescimento pode, assim, continuar a ser intensificado. Essa segunda visão é utilizada para explicar atitudes como a do então presidente norte-americano, George W. Bush, o qual continuava se negando a ratificar o Protocolo de Kyoto, que dispõe sobre a redução dos gases que produzem o efeito estufa.

Por outro lado, a sustentabilidade do desenvolvimento contemporâneo vem sendo questionada a partir da observação do crescente agravamento do quadro social mundial. Esse ponto insere-se na discussão mundial nos anos recentes, ampliando o espectro do debate aqui referido. Dele tem resultado um outro eixo de discussões, centrado desta feita na dimensão social, além da ambiental. Com base nisso é que foi sendo construído um outro conceito de desenvolvimento: o conceito de “desenvolvimento humano”.

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO é a base do Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), publicado anualmente pelo PNUD/ONU, e também do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). O pressuposto básico é que, para se aferir o avanço de uma população, não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana.

Para os formuladores dessa nova concepção, o desenvolvimento está vinculado à ampliação das capacidades das pessoas que resultam de um complexo de condições econômicas, sociais, políticas e culturais, sendo que algumas são básicas. “As capacidades mais elementares para o desenvolvimento humano são: ter uma vida longa e saudável, ser instruído, ter acesso aos recursos necessários para um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade. Sem estas, muitas outras escolhas simplesmente não estão disponíveis e muitas oportunidades na vida mantêm-se inacessíveis” (PNUD, 2001).

Esse novo enfoque, apresentado pela Organização das Nações Unidas desde 1990 nos Relatórios de Desenvolvimento Humano (RDHs), é utilizado para propor uma agenda sobre temas relevantes ligados ao desenvolvimento humano. A cargo do PNUD, o relatório foi idealizado pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq. Atualmente, é publicado em dezenas de idiomas e em mais de cem países. Referindo-se ao relatório, o cientista social indiano Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia em 1998, no prefácio do RDH de 1999 (PNUD, 1999), declara:

*“A princípio, demonstrei bastante ceticismo ao criador do Relatório de Desenvolvimento Humano, Mahbub ul Haq, sobre a tentativa de focalizar, em um índice bruto deste tipo – apenas um número –, a realidade complexa do desenvolvimento e da privação humanos (...) Mas, após a primeira hesitação, Mahbub convenceu-me de que a hegemonia do PIB (índice demasiadamente utilizado e valorizado que ele queria suplantare) não seria quebrada por nenhum conjunto de tabelas. As pessoas olhariam para elas com respeito, disse ele,*

*mas quando chegasse a hora de utilizar uma medida sucinta de desenvolvimento, recorreriam ao pouco atraente PIB, pois apesar de bruto era conveniente (...)”*

Como se vê, a nova concepção de desenvolvimento vem ganhando gradualmente espaço no debate mundial. O destaque à questão das condições sociais das populações dos diversos países do mundo remeteu frequentemente à discussão das raízes da condição de extrema pobreza em que vive quase metade do contingente mundial. A distribuição extremamente desigual da riqueza e da renda no mundo emerge, assim, como tema relevante.

O debate sobre o desenvolvimento não podia deixar de chegar ao Brasil, um dos países onde o crescimento econômico foi dos mais brilhantes no século XX e onde a maior parte da população experimenta condições de vida muito precárias. A discussão sobre os impactos negativos no meio ambiente – decorrentes do padrão de modernidade que virou sinônimo de desenvolvimento – é, no Brasil, menos intensa que a análise dos impactos sociais do processo do crescimento econômico e da modernização conservadora que o País experimentou.

O fato é que, no Brasil do século XX, um processo de industrialização acelerada foi acompanhado de intensa urbanização, ao mesmo tempo em que o bloqueio fundiário e a modernização conservadora da sua base agropecuária inviabilizavam a vida no campo para milhões de brasileiros. O lento crescimento dos salários reais contrastava com a rápida elevação da produtividade média da economia. A resultante foi um crescente movimento de concentração da renda nacional, o que faz do País uma das mais importantes bases industriais e agrícolas do mundo, mas um dos países de mais elevado nível de concentração da riqueza e da renda.

O Estado desenvolvimentista conservador no Brasil concentrou suas energias no patrocínio do crescimento econômico centrado na industrialização e relegou a segundo plano o papel de promotor do desenvolvimento social. Apesar de alguns avanços atingidos na era



Vargas — que alcançou especialmente os assalariados urbanos —, a ação das políticas públicas não conseguiu reduzir os desníveis sociais, e cresceu muito a diferença entre as condições de vida no campo e na cidade, e nessa, entre os habitantes urbanos das áreas ricas e os residentes nos bairros populares e nas favelas.

Só mais recentemente, já em meio à crise econômica e à intensa e crescente crise fiscal que se instala nos anos 1980, é que as políticas sociais passam a ter poder explicativo mais destacado na melhoria dos indicadores sociais, a partir de indicadores-síntese relativos ao Brasil, a Pernambuco e à capital desse Estado. É que Pernambuco e o Recife acompanham as grandes tendências nacionais de lento crescimento da renda e mais rápida evolução de resultados de algumas políticas sociais. Enquanto a crise econômica e a hiperinflação freavam o crescimento da renda, o processo de redemocratização e a luta social impulsionavam avanços em políticas de saúde — por meio do SUS, de educação, de assistência social, de proteção previdenciária, dentre outros.

Nesse contexto, o Recife amplia seu peso na indústria do Estado, mas expande mais intensamente seu tecido terciário, ao tempo em que atrai intenso fluxo migratório. Assim, passa de 500 mil habitantes em 1950 para 1 milhão e 100 mil em 1970 — mais que dobra em duas décadas, chegando a 1,5 milhão em 2000. Ao reproduzir o padrão de desenvolvimento nacional, em que predomina uma industrialização voltada para atender à demanda das classes de mais alta renda — ao mesmo tempo em que a urbanização amplia a oferta de pessoas à procura de emprego nas atividades urbanas —, Recife também bloqueia, como outras cidades país afora, as oportunidades de inserção decente de grande parte de seus habitantes na vida da cidade.

Assim, a forte desigualdade social e a grande dimensão da pobreza são as marcas principais da sociedade recifense. A moderna e cosmopolita Boa Viagem — que abriga uma minoria rica — contrasta com o Coque, abrigo dos pobres e esquecido pelo Poder Público. É isso que retrata o Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife. Mas o Recife apenas

reproduz, à sua escala, o que ocorre na grande maioria das metrópoles e nos principais centros urbanos do País. Daí o questionamento sobre a sustentabilidade do desenvolvimento brasileiro e, por extensão, do desenvolvimento de espaços urbanos como o do Recife. Não se pode considerar que tenha ocorrido, aqui, desenvolvimento. O Recife não pode ser considerado desenvolvido, sendo tão desigual. As sociedades tidas como desenvolvidas são sempre muito mais homogêneas. Ter uma pequena elite moderna — que experimenta excelente padrão de vida — não define uma sociedade como desenvolvida. A presença de uma maioria excluída, com precários índices de acesso a condições decentes de vida, serve como elemento de questionamento à sustentabilidade do processo que se construiu. E reclama uma rediscussão do que seja, verdadeiramente, um processo de desenvolvimento.

O Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife estimula essa reflexão; conhece-se, na intimidade, o Recife. E as principais conclusões, a seguir sumarizadas, servem para alimentar esse debate, ao criar a possibilidade de estimular iniciativas que reduzam a desigualdade social e ampliem a cidadania num lugar de tanta beleza natural, com uma longa história de lutas sociais e políticas — por isso mesmo referência no País para os que sonham com um Brasil verdadeiramente desenvolvido, democrático, civilizado.

## Principais questões reveladas no Atlas

- **Matriz de desigualdade *versus* políticas sociais**

O forte viés urbano-industrial das políticas nacionais de desenvolvimento, durante a implementação e consolidação do padrão industrial da economia brasileira, sancionou a matriz histórica de desigualdades e de pobreza, o que culminou na geração e manutenção de desequilíbrios sociais e urbanos que se exacerbaram a partir da crise de crescimento nos anos 1980 e das mudanças institucionais e econômicas dos anos 1990. Tendo perdido o passo histórico de reformas distributivas no ambiente urbano e no meio rural, o Brasil acumulou uma pobreza

e uma desigualdade de grande dimensão, problemas agravados em momentos de frágil crescimento econômico – situação predominante no último quarto de século. Por outro lado, as políticas sociais no Brasil, de dimensão e alcance limitados – comparativamente à experiência europeia de bem-estar social em sociedades menos heterogêneas e menos desiguais –, foram marcadas mais pelo assistencialismo do que pela efetiva capacidade distributiva, ou seja, políticas tributárias que terminam por ser mais pesadas para os segmentos de menores rendas, políticas educacionais que falham em distribuir oportunidades e ausência de reforma agrária – que operasse no sentido de consolidação de pequenas e médias propriedades rurais. Nesse contexto, predominaram as políticas públicas ou filantrópicas de auxílio aos mais pobres. Ademais, houve atraso na implementação de políticas compensatórias estratégicas, a exemplo do seguro-desemprego, criado em 1986, depois que a primeira grande recessão econômica no País em período recente (1981-83) – na esteira da crise da dívida externa de inícios dos anos 1980, elevando os níveis de desemprego aberto – revelou os limites do papel compensatório historicamente exercido pelo setor informal, via criação de ocupações de baixa renda.

Por outro lado, com o processo de redemocratização do País – a partir do encerramento do período militar na primeira metade dos anos 1980 – os movimentos sociais contribuíram para a implementação de políticas sociais que representaram avanços em relação ao sistema até então vigente. A própria instituição do seguro-desemprego em 1986 – no contexto de amplo debate entre as diversas matrizes dos movimentos sociais – é um exemplo dessas mudanças. Com a Constituição de 1988, a descentralização dos gastos públicos e depois da criação do Fundo de Amparo ao Trabalhador em 1990 – iniciativas surgidas em ambiente de atuação expressiva dos movimentos sociais –, o conjunto de políticas públicas e políticas sociais amplia-se, com a implementação de novas políticas de emprego e renda.

Essa constatação do padrão de desenvolvimento econômico e social no Brasil e dos limites das políticas sociais é um aspecto fundamental a

ser considerado na leitura dos indicadores sociais relativos aos últimos 25 anos, bem como na vinculação entre tais indicadores e as políticas sociais em vigor. O Recife, como se verá a seguir, reproduz tendências nacionais associadas a esses aspectos.

Já foi assinalado, neste texto, que alguns indicadores passaram a refletir políticas sociais implantadas principalmente a partir dos anos 1980. Também ficou evidente, na análise de informações do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, que os indicadores de renda (nível e distribuição) revelam o papel bloqueador exercido pela evolução da renda pessoal, impedindo que estratos sociais mais desfavorecidos rompam a barreira da pobreza e da exclusão social.

Observe-se que, nos anos 1970 – quando, a despeito do aumento da desigualdade social, o crescimento econômico terminou propiciando uma melhora do rendimento de todos os estratos sociais –, o IDH relativo à renda, na cidade do Recife, apresenta uma evolução acentuada, sendo seguido pelos IDHs de longevidade e de educação, que também refletem políticas públicas e políticas sociais. A partir dos anos 1980 – quando a economia brasileira entra na era de crescimento medíocre do produto nacional (média de 2,1% ao ano, de 1981 a 2000) e indicadores de distribuição de renda revelam permanência da desigualdade –, os Índices de Desenvolvimento Humano para longevidade e educação passam a ter uma evolução mais acentuada, provavelmente como um reflexo do avanço em programas de educação e em programas sociais nos campos da habitação, da saúde, do saneamento, enquanto a curva do IDH Renda desacelera, voltando a acompanhar as outras duas curvas nos anos 1990, evolução que deve ter sido mais significativa na segunda metade da década, a partir da redução dos altíssimos índices de inflação que prevaleceram até a primeira metade da década. De fato, como foi observado na análise de informações do Atlas Municipal, o Recife se beneficiou de avanços em políticas municipais de educação e do avanço de políticas nacionais de saúde, em particular depois da descentralização propiciada pela implantação do Sistema Único de Saúde (SUS). Deve ser ressaltado

que o padrão de evolução dos IDHs aqui destacados é o mesmo para o Brasil, Nordeste e Pernambuco.

Essas informações reforçam um aspecto enfatizado nos textos analíticos que acompanham o Atlas do Desenvolvimento Humano: é necessário romper com um padrão de desenvolvimento que impede um maior crescimento da renda nacional e mantém a desigualdade, sob pena de se atribuir às políticas sociais a impossível tarefa de, *per se*, reduzir a exclusão social. Pode-se acrescentar: a educação, como política pública, ainda necessita de um salto quantitativo e qualitativo para ampliar seu papel distributivo e de elevação da produtividade econômica, além de constituir o bastão da cidadania.

- **Espaço e população-alvo na execução de programas sociais**

Uma radiografia do espaço demográfico e socioeconômico de uma cidade como o Recife — com os recortes produzidos pelo Atlas Municipal — revela grandes contrastes e informa-nos sobre a complexidade de pensar as políticas e os programas sociais aplicados aos diversos espaços. É necessário ter em conta que, a depender do fato socioeconômico sob foco, certos programas podem ser espacialmente distribuídos sem dificuldade maior — buscando-se atingir grupos sociais específicos em determinadas localidades. Se, por exemplo, o programa em destaque for saneamento, a identificação dos espaços carentes do serviço e o atendimento são obviamente determinados de forma clara, podendo-se realizar as obras em cada microespaço, alcançando-se diretamente a população-alvo. Se, apesar de tão óbvia configuração espacial, plenamente visualizada pelos governos locais, certas áreas de carência permanecem numericamente expressivas, é porque pelo menos dois fatores estariam em ação na reprodução/ampliação da carência social: falhas sistêmicas na alocação de recursos públicos e na execução das políticas sociais, e o crescimento de áreas de pobreza por conta da insuficiência de desenvolvimento econômico ou da falha de mecanismos distributivos, ou uma combinação dos dois conjuntos de fatores. Raciocínio similar pode ser feito para os programas locais de combate

ao desemprego. Na hipótese da disponibilidade de indicadores locais de nível de desocupação da mão de obra, programas de emprego podem ser trazidos para os núcleos populacionais com maior nível de desemprego, de forma combinada com os programas desenvolvidos para outras carências (por exemplo, obras de saneamento com aproveitamento da força de trabalho local). Tais possibilidades são, de fato, suficientemente conhecidas. Novamente, se tais experiências não são amplamente reproduzidas, é porque há falhas na alocação de recursos públicos e na execução de programas sociais. Não se pode descartar, inclusive, a possibilidade de captação de benefícios de programas sociais por estratos sociais que têm maior acesso à informação e têm inter-relações mais próximas com segmentos dos poderes públicos. Seria, por essa via, a manutenção da desigualdade, cuja raiz está na concentrada distribuição da riqueza (produto, renda e ativos — inclusive educação).

Essa relativa facilidade de fazer a distribuição espacial de determinados programas sociais não se reproduz com respeito, por exemplo, ao provimento de educação pública. De fato, não seria racional construir-se uma escola em cada comunidade pobre. Há uma rede de escolas — de alguma forma vinculada a áreas político-administrativas do governo municipal — que já está desenhada para atender a demandas dos estratos mais carentes da população. O acesso à escola deve ser viabilizado — para aqueles que residem em áreas distantes da unidade escolar — por meio de outras políticas públicas, a exemplo do vale-transporte e/ou de programas, como o Bolsa Escola.

Um outro exemplo é o provimento de saúde pública. Na mesma linha de argumentação com respeito ao atendimento escolar, também na saúde não se pode — sob pena de se multiplicarem custos e desperdícios, sem necessariamente aumentar a eficiência do programa — construir uma unidade de atendimento em cada microcomunidade. De fato, o sistema público trabalha com redes regionais — embora as redes existentes não sejam atualmente satisfatórias, por conta de políticas fiscais de redução de gastos públicos. Mas, no caso da saúde pública, uma inovação foi o Programa Saúde da Família, pelo qual o

atendimento é prestado na unidade básica de saúde ou no domicílio, por profissionais (médicos, paramédicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e agentes comunitários de saúde) que compõem as equipes de Saúde da Família. Além de reduzir, pela prevenção, a incidência de doenças, tal programa pode diminuir a pressão da demanda por unidades de atendimento hospitalar. Considerações similares podem ser feitas sobre outros programas sociais, cuja execução pressupõe redes de atendimento que não podem ser descentralizadas até o nível de cada microcomunidade.

Isso significa que, para que certa realidade local mude — no sentido de melhora das condições de vida da comunidade —, há alguns aspectos que dependem mais de ações universais que de ações localizadas. Na raiz dessa universalidade está a renda, cujo perfil distributivo e cuja evolução não têm operado na direção de redução consistente da pobreza e, portanto, constituem um obstáculo considerável a uma melhora das condições de vida de amplos segmentos da população urbana. Como já foi enfatizado neste texto e nos textos temáticos que acompanham o Atlas, o Recife é um espaço socioeconômico bem representativo do papel de bloqueio — na redução da pobreza — que a insuficiência de renda exerce.

- **O Recife e outras capitais:<sup>2</sup> destaque de alguns fatos revelados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano**

**CONCENTRAÇÃO DOS RENDIMENTOS.** Ficou evidente a concentração dos rendimentos nas camadas superiores da distribuição de renda, sendo extremamente desigual a distribuição de rendimentos entre os 20% mais ricos, no Recife e em outras capitais, ou seja, foi a corroboração de um quadro nacional já bem conhecido. Um fato menos óbvio, porém, é que, enquanto indicadores sintéticos de distribuição revelam uma diferenciação regional — menor desigualdade nos centros urbanos de regiões mais desenvolvidas, isto é, no Sudeste —, a extrema

desigualdade na parte superior da distribuição (entre os 20% mais ricos) parece ser um fenômeno generalizado, sem grande diferença de padrão entre as capitais de diferentes regiões ou entre os núcleos centrais e os municípios menores das regiões metropolitanas. É como se houvesse um padrão único de distribuição desigual de oportunidades e de diferenciada captação de rendimentos por parte de um número ínfimo de famílias.

**INDICADORES SINTÉTICOS DE POBREZA.** Outro aspecto é que, enquanto os indicadores sintéticos de pobreza mostram uma redução da proporção de pobres de forma continuada em quase todas as capitais analisadas, no período 1991-2000, os dados sobre a renda dos 20% mais pobres revelam em vários municípios uma queda acentuada da renda domiciliar *per capita* dessas famílias mais pobres. Significa a possibilidade de, mesmo que em termos de linha de pobreza seja estimada uma redução da proporção de pobres, segmentos sociais dos estratos mais pobres estejam mergulhando em situação de indigência — o que revela um quadro de deterioração das condições sociais desses segmentos da população. Trata-se de uma possibilidade que deve ser melhor investigada — considerados o relativamente elevado número e a grande variedade de políticas sociais em operação, particularmente a partir de meados dos anos 1990.

**BOLSÕES DE POBREZA.** No plano intramunicipal, foi observado que o Recife possui bolsões de pobreza, cujo nível de renda fica abaixo da média do Brasil metropolitano, dando uma medida precisa da gravidade do problema. Ao mesmo tempo, observam-se contrastes expressos na vizinhança entre as áreas afluentes e os bolsões de pobreza, com consequências — sobre o cotidiano — muito similares às observadas em uma cidade que está sempre no foco da mídia, o Rio de Janeiro.

**ADEQUAÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS AOS DIVERSOS ESPAÇOS.** A caracterização do espaço demográfico e socioeconômico de uma cidade como o Recife — segundo os recortes do Atlas Municipal — revela grandes contrastes e pode alertar os formuladores e executores de políticas

---

2. O Recife foi analisado em relação às capitais estaduais com mais de 1 milhão de habitantes que são núcleos de regiões metropolitanas e à capital federal.

sobre a adequação dos programas sociais aos diversos espaços. De fato, em função do fato socioeconômico sob foco, certos programas podem ser espacialmente distribuídos, sem dificuldade maior – podendo-se atingir grupos sociais específicos em determinadas localidades. Portanto, a análise de indicadores sociais no plano intramunicipal deve servir para que sejam percebidas as limitações de uma vinculação linear entre a análise de certos indicadores e as proposições de ação direta, localizada, de um determinado programa social que seria a resposta em termos de política pública. Para alguns programas sociais, é possível atingir diretamente a localidade carente e obter resultados positivos, a exemplo dos programas de saneamento e do programa Saúde da Família. No entanto, para que a realidade local mude de modo sistêmico – no sentido de melhoria das condições de vida da comunidade –, há vários aspectos que dependem mais de ações universais que de ações localizadas.

**CRESCIMENTO DAS METRÓPOLES.** As capitais metropolitanas<sup>3</sup> apresentam crescimentos iguais ou inferiores ao crescimento do País no tocante às dimensões sociais, o que expressa uma redução da distância existente entre essas capitais e o resto do Brasil. Essa redução relaciona-se com o caráter generalizado dos impactos da transição demográfica e da implantação das políticas de saúde, propiciando uma relativa redução das desigualdades de longevidade, confirmada pelo crescimento maior das capitais metropolitanas, em situação mais desfavorável em 1991 (Nordeste e Norte) em relação às capitais do Centro-Sul. Os impactos da política de educação também apontam para a redução das desigualdades entre o país como um todo e as capitais metropolitanas, havendo um destaque para Fortaleza, cujo crescimento acompanha, mais que o Recife, o crescimento do Brasil, conquanto nas demais metrópoles o crescimento seja bem inferior, permitindo a redução dos contrastes socioterritoriais.

---

3. As informações se referem, especificamente, às capitais estaduais com mais de 1 milhão de habitantes que são núcleos de regiões metropolitanas e à capital federal.

**REDUÇÃO DE DESIGUALDADES.** Os avanços, em termos de redução de desigualdades, foram mais visíveis nos indicadores de saúde, educação e longevidade. Mas há uma rigidez na variável renda, um “bloqueio”. No caso do Brasil, onde o hiato social e a dimensão da pobreza ganham dimensão elevada, tal bloqueio não deve ser subestimado. A centralidade da insuficiência de renda, decorrente das condições precárias do mercado de trabalho, do ainda insatisfatório processo de escolarização, da baixa qualificação da força de trabalho – num contexto de insuficiente crescimento econômico –, fica evidente tanto na análise de macroespaços regionais quanto na radiografia dos microespaços socioeconômicos do Recife. Mesmo com a redução das desigualdades sociais, segundo os indicadores como os aqui destacados, a redução da desigualdade de renda parece pífia. Haveria um “núcleo duro” e pouco mutável da desigualdade, conforme foi revelado pelos Índices de Desenvolvimento Humano, o que também se observa nos municípios da Região Metropolitana do Recife.

**AMPLIAÇÃO DAS DIFERENÇAS.** Nos três anéis em que, para efeitos de análise, a cidade foi dividida – conforme critérios que incluem a formação histórica dos espaços sociogeográficos –, há características bem distintas (BITOUN, 2005). Nos morros (Anel Periférico), a pobreza é amplamente dominante, mas em áreas de ocupação recente e onde o crescimento demográfico é maior, as condições de vida tornam-se ainda mais precárias (a exemplo do Iburá e Vila dos Milagres). Nas áreas de ocupação mais consolidada, os indicadores tendem a melhorar (UR 1, UR 2 e UR 3). Na planície do Anel Intermediário, onde domina a classe média, reduzem-se as distâncias entre os residentes. Já quando se está em presença de bairros mais ricos (Casa Forte, Graças, por exemplo), as diferenças ampliam-se com relação aos demais locais. Na planície central, área que concentrou e continua a concentrar investimentos, há quistos de áreas muito pobres, com indicadores entre os piores da cidade (Coque, Santo Amaro). São áreas e populações abandonadas por investidores, pelo poder público e pela sociedade.

**CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE.** Um aspecto de grande importância para a melhora das condições de vida de populações mais pobres refere-se às condições de habitabilidade, o que envolve fatores que tornam a pobreza estrutural: habitações precárias, improvisadas; ausência de saneamento; ausência ou insuficiência de atendimento de segurança, de transporte, de rede viária. Trata-se de programas e ações que são, fundamentalmente, da área de competência do Poder Municipal e também do Poder Estadual.

**IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA DESAGREGAÇÃO ESPACIAL DOS INDICADORES.**

A análise dos indicadores constantes deste Atlas deixou evidente a importância estratégica da desagregação espacial do IDH e dos indicadores específicos para a compreensão das diferenciações sociais na cidade. Os resultados podem subsidiar a diferenciação de ênfase nas políticas públicas distintas, considerado o mesmo objetivo de elevar o nível de vida dos recifenses. A complexidade do tecido social urbano do Recife não é apropriadamente captada pelo IDH médio ou pela média de outros indicadores, no âmbito de espaços sociais muito heterogêneos.

**MECANISMOS EFETIVOS DE ACOMPANHAMENTO E DE AVALIAÇÃO DE**

**PROGRAMAS.** As evidências sobre a profusão de programas sociais corroboram a necessidade de criação de mecanismos efetivos de acompanhamento e de avaliação desses programas, bem como a geração de indicadores de avaliação apropriados, de modo a se verificar, no plano local, qual o efetivo grau de influência dessas políticas sobre a redução da pobreza e da desigualdade, mesmo sabendo-se que outros fatores e macropolíticas devem ser considerados e, portanto, que tais políticas sociais têm um limitado potencial de, *per se*, produzirem o efeito desejado. Mas também é verdade, à luz dos resultados até agora alcançados, que a efetivação de mecanismos de monitoramento e de avaliação de impactos – como procedimento sistemático, ainda ausentes no País – pode melhorar bastante a possibilidade de reformulações e, portanto, de melhor alcance dessas políticas.

## SEGUNDA PARTE

### COMO USAR O ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO RECIFE?

#### O SOFTWARE DO ATLAS

Como para o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, foi desenvolvido para o Recife um *software* que, com base em mais de uma centena de indicadores de desenvolvimento humano, permite ao usuário produzir tabelas, gráficos, mapas, relatórios temáticos e perfis das diversas regiões do município. Os resultados podem ser impressos ou exportados para programas de planilhas eletrônicas. Tais ferramentas têm a vantagem de permitir análises comparativas imediatas, bem como a observação de possíveis discrepâncias.

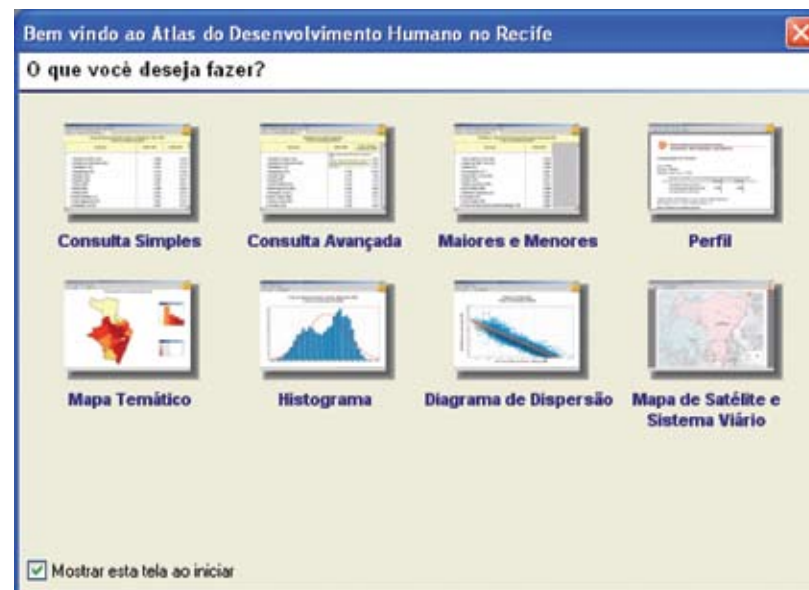
#### CONTEÚDO ACESSÍVEL POR MEIO DE CONSULTAS

O Atlas contém um **banco de dados** com cerca de 220 indicadores socioeconômicos referentes a 241 áreas (unidades espaciais) do Recife. O usuário escolhe os dados e as unidades espaciais com que quer trabalhar. Isso pode ser feito a partir do comando "Executar", na barra superior, ou na **Tela de Boas Vindas**, pelos ícones "Consulta Simples", "Consulta Avançada", "Maiores e Menores", "Perfil", "Mapa Temático", "Histograma" e "Diagrama de Dispersão". Cada um desses comandos permite a elaboração de produto específico.

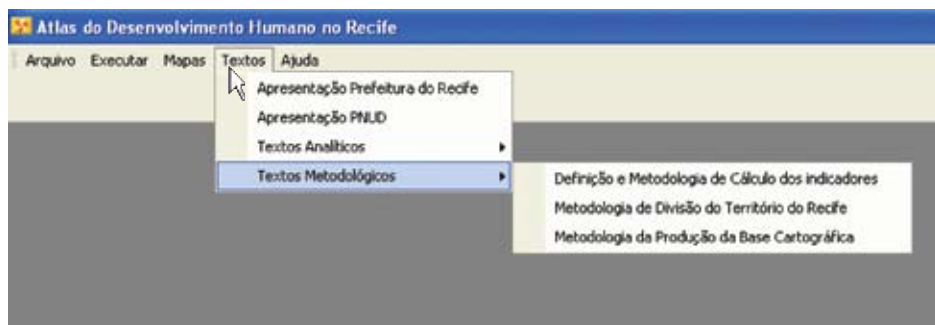
BARRA SUPERIOR



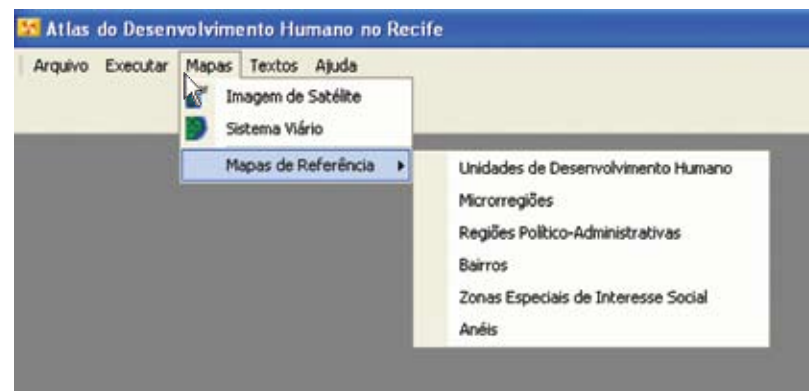
TELA DE BOAS VINDAS



Em todos os casos, o usuário precisará definir com quais **unidades espaciais** pretende trabalhar. No Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, as unidades espaciais são agrupadas em cinco conjuntos, que correspondem a três divisões político-administrativas do território municipal (6 regiões político-administrativas, 18 microrregiões e 94 bairros), a uma divisão do zoneamento da Lei de Uso e Ocupação do Solo (61 zonas especiais de interesse social) e a uma divisão especialmente concebida para o Atlas (62 unidades de desenvolvimento humano), com o objetivo de retratar com a maior precisão possível as desigualdades socioterritoriais. Os procedimentos adotados pelos autores do Atlas para dividir o território municipal são explicitados nos textos em formato .pdf “**Metodologia de Divisão do Território do Recife**” e “**Metodologia da Produção da Base Cartográfica**”, que podem ser acessados via “**Textos**” na barra superior. Os “**Textos Metodológicos**” mostram por que as informações do Atlas estão disponíveis para tantas unidades espaciais e por que isso possibilita várias análises da diversidade socioeconômica do município.



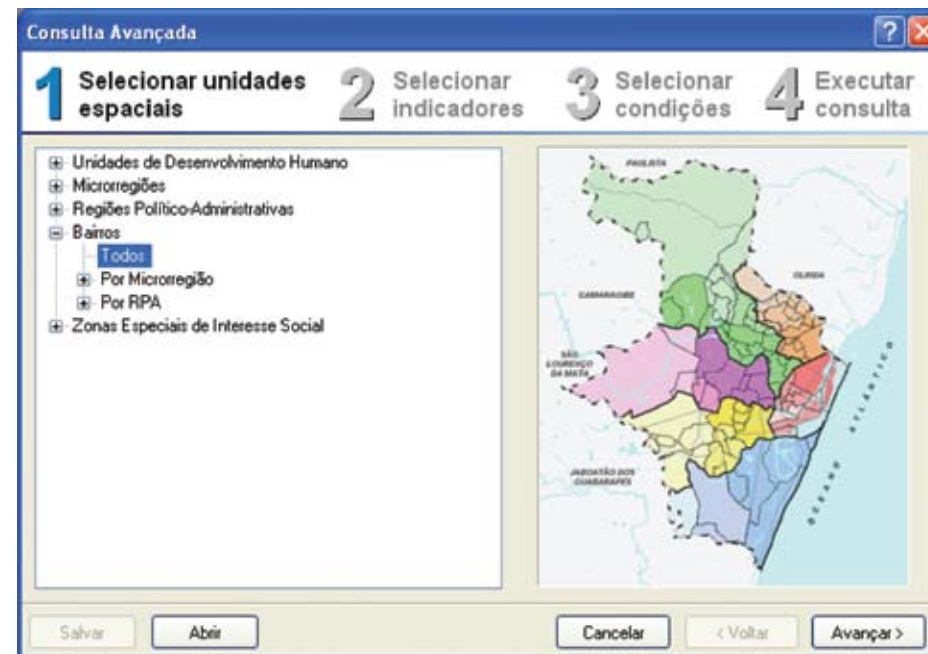
Para escolher mais facilmente as unidades espaciais, o usuário pode consultar, imprimir ou salvar em formato .jpg os “**Mapas de Referência**”. Abra pela barra superior, em “**Mapas**” e “**Mapas de Referência**”, os mapas do Recife com os limites das “**Regiões Político-Administrativas**”, “**Microrregiões**”, “**Bairros**” e “**Unidades de Desenvolvimento Humano**”. Há também um mapa dos “**Anéis**” – agrupamentos de unidades de desenvolvimento humano em três grandes áreas, de acordo com o padrão de desigualdade. A consulta aos mapas é especialmente relevante no caso das zonas especiais de interesse social, cujos limites legais, definidos na Lei de Uso e Ocupação do Solo, não correspondem exatamente aos limites dos setores censitários, que são o menor agrupamento de domicílios feito pelo IBGE.





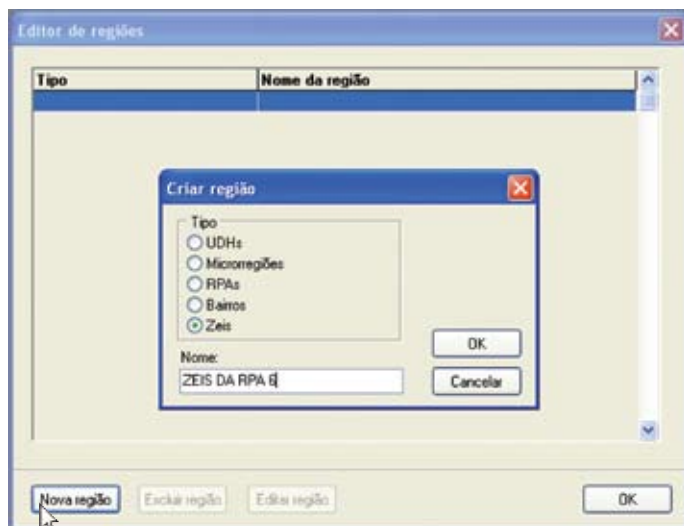
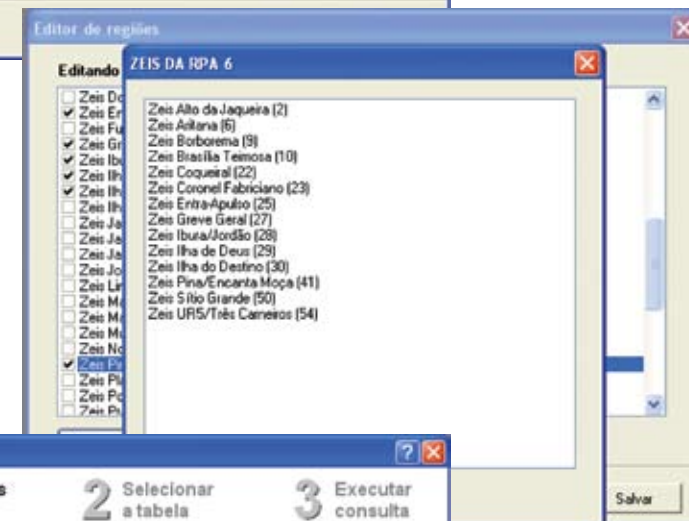
A **SELEÇÃO DAS UNIDADES ESPACIAIS** é a primeira etapa que aparece na tela após o usuário clicar nos ícones da Tela de Boas Vindas. Com exceção da ferramenta “Perfis”, as seguintes opções são apresentadas sempre na parte esquerda do quadro: **Unidades de Desenvolvimento Humano, Microrregiões, Regiões Político-Administrativas, Bairros e Zonas Especiais de Interesse Social**. Clicando no + à esquerda dessas opções, o usuário delimita o universo de unidades espaciais que pretende consultar. Para as unidades de desenvolvimento humano e as microrregiões, as opções são todas no Recife ou somente aquelas situadas numa das 6 regiões político-administrativas (RPAs). Para os bairros, as opções são todos, somente aqueles situados numa das 18 microrregiões, ou os situados numa das 6 regiões político-administrativas. Para as RPAs e as zonas especiais de interesse social, a única possibilidade é escolher todas.

Ao selecionar as unidades espaciais, o usuário pode concentrar seu estudo em uma região político-administrativa ou em uma microrregião, áreas nas quais se baseia a divisão, por exemplo, do Orçamento Participativo e dos distritos sanitários.



Para selecionar uma unidade espacial, como **todos os bairros**, basta clicar sobre ela com o botão esquerdo do *mouse* e, logo após, sobre o comando **“avançar”**, ou clicar duas vezes na opção escolhida.

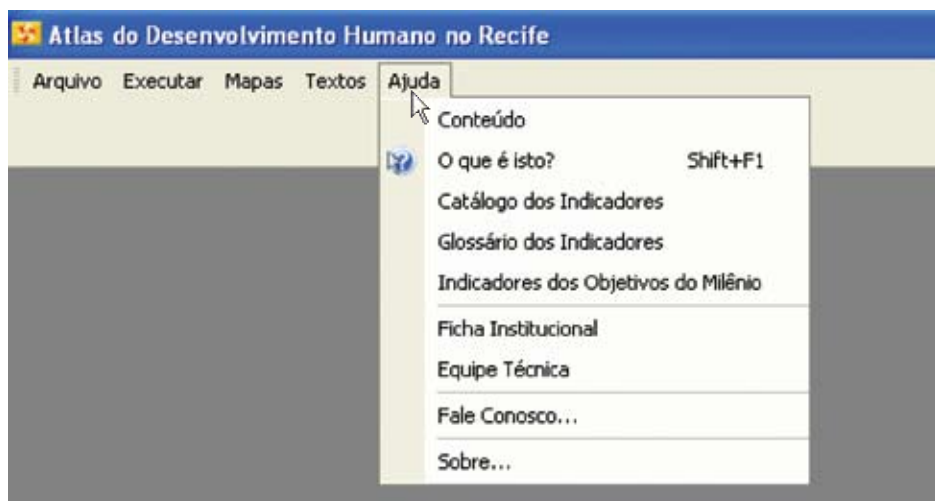
O Atlas também possibilita que o usuário forme um grupo de unidades espaciais diferente daquele predeterminado no quadro esquerdo da tela. No comando "Executar", em "Editor de Regiões", o usuário pode selecionar as unidades espaciais do Recife que o interessam. Na tela "Editor de Regiões", basta clicar em "Nova Região", optar por um "Tipo" (Unidades de Desenvolvimento Humano, Microrregiões, Regiões Político-Administrativas, Bairros ou Zonas Especiais de Interesse Social) e atribuir um nome à região que se quer formar. Vamos exemplificar aqui com uma região composta por zonas especiais de interesse social (Zeis) dispersas, mas todas situadas na Região Político-Administrativa 6. O "Tipo" é Zeis e o nome atribuído será "ZEIS DA RPA 6". Após a escolha do tipo e a definição do nome, clica-se em "Ok", e o Atlas abre uma tela com a lista de todas as Zeis do banco de unidades espaciais. Consultando o "Mapa de Referência" das "Zonas Especiais de Interesse Social", observam-se quais são as ZEIS situadas na RPA 6, e selecionam-se na lista aberta as 14 ZEIS dessa RPA, marcando os quadrados à esquerda dos nomes. Realizada a seleção, usa-se o comando "Mostrar lista de unidades selecionadas" para confirmar a seleção antes de salvar. Aparecerá, no quadro esquerdo das telas de "Consulta Simples" e "Consulta Avançada", a opção "Minhas ZEIS", com o nome "ZEIS da RPA 6". O mesmo procedimento pode ser seguido para formar outros grupos de unidades espaciais. Assim, seriam acrescentadas ao quadro esquerdo mais opções de seleção de unidades espaciais: "Minhas UDHS", "Minhas Microrregiões", "Minhas RPAs" e "Meus Bairros".



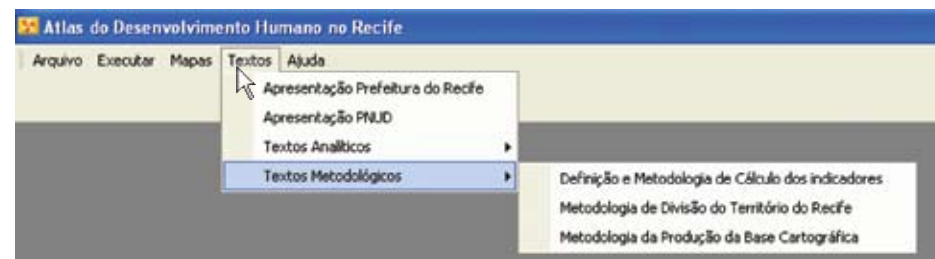
O SEGUNDO PASSO É A SELEÇÃO DOS INDICADORES do Atlas – são cerca de 220 variáveis dos censos do IBGE, que pesquisou as características dos domicílios e da população residente no Brasil em 1991 e 2000.

Alguns textos (em formato .pdf) facilitam o entendimento dos indicadores:

- **CATÁLOGO DOS INDICADORES:** lista das variáveis, dividida em oito temas: caracterização, demografia, educação, renda, habitação, vulnerabilidade, população e desenvolvimento humano. **Abra pela barra superior, em "Ajuda";**
- **GLOSSÁRIO DOS INDICADORES:** definição de índices e indicadores por tema e subtema, com informação sobre para quais unidades espaciais foi possível calculá-los. **Abra pela barra superior, em "Ajuda";**



- **DEFINIÇÃO E METODOLOGIA DE CÁLCULO DOS INDICADORES:** descreve como cada indicador e índice foi calculado. **Abra pela barra superior, em "Textos" e "Textos Metodológicos".**

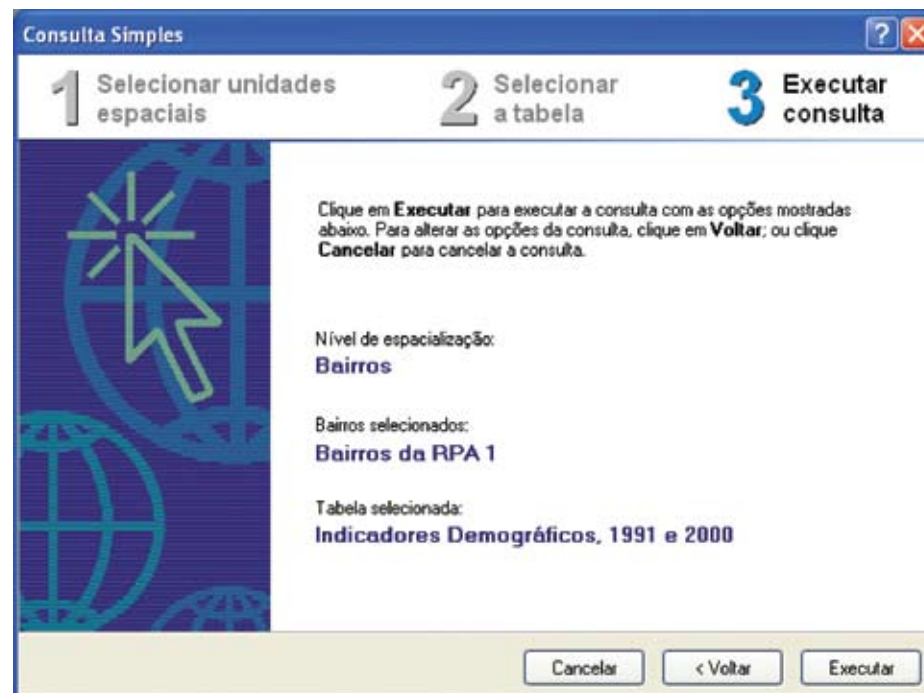
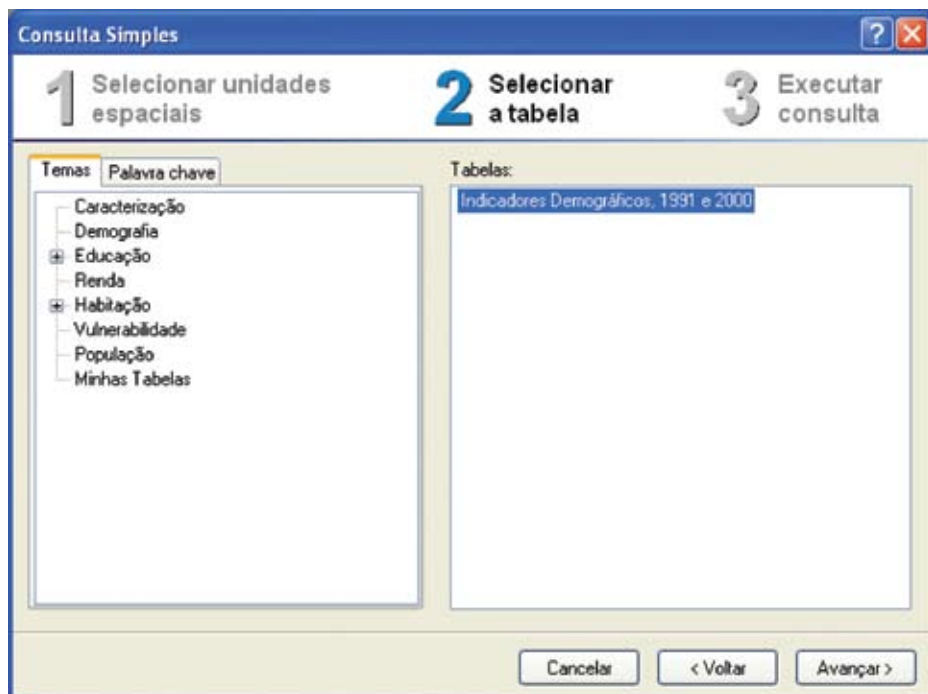


A leitura desses textos de apoio permite usar os dados sabendo o que realmente representam e como foram calculados. A partir daí, é possível operar o programa contido no CD-ROM para extrair as planilhas e compor mapas temáticos, elaborar histogramas, diagramas de dispersão, classificar menores e maiores.

## Consulta Simples

Na “Consulta Simples”, o Atlas permite escolher grupos de indicadores predefinidos pelo programa nos diversos temas disponíveis. A seleção da tabela é fácil:

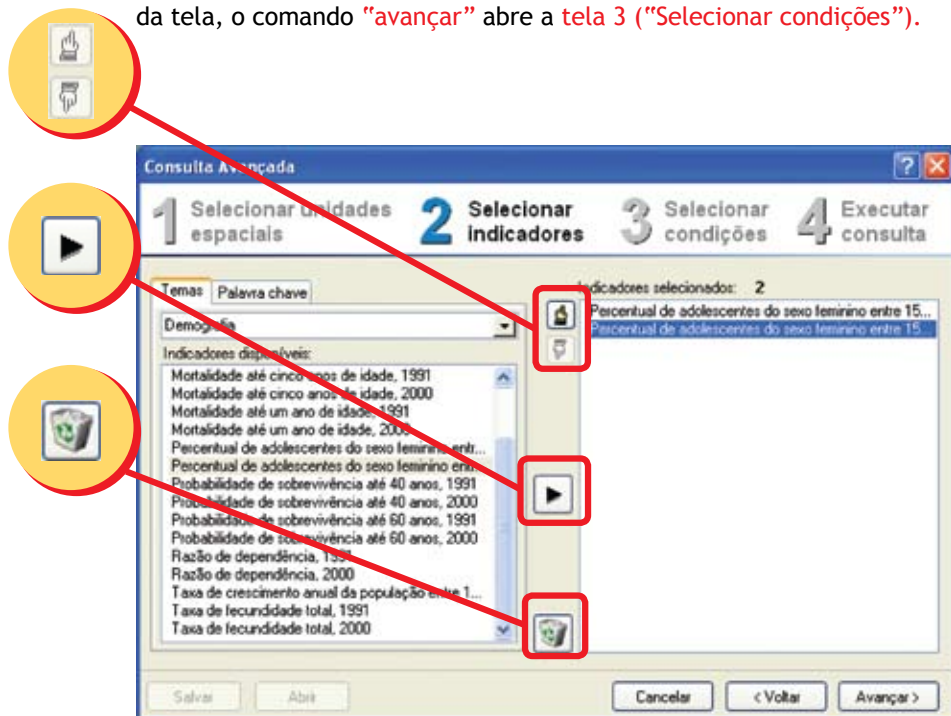
Do lado esquerdo da tela 2, aparecem temas e subtemas. Selecionando um deles (clcando sobre ele com o botão esquerdo do mouse e, logo após, no comando “**avançar**”, ou clicando duas vezes na opção escolhida), aparecem no lado direito da tela (Tabelas) as opções de indicadores. Selecionando uma dessas opções (clcando sobre ela com o botão esquerdo do mouse e, logo após, no comando “**avançar**”, ou clicando duas vezes na opção escolhida), abre-se a tela 3 (“**Executar consulta**”), na qual figuram as opções escolhidas na tela 1 (as unidades espaciais) e 2 (o indicador).



Assim, se foram escolhidos todos os bairros do Recife e o tema Demografia, a tabela predefinida para esse tema contém **Indicadores Demográficos, 1991 e 2000**. Acionando-se o comando “**Executar**”, aparece a tabela – nas linhas estarão os 94 bairros do município e, nas colunas, os valores de três indicadores: Taxa de crescimento anual da população entre 1991 e 2000, Razão de dependência em 1991 e em 2000, Índice de envelhecimento em 1991 e em 2000.

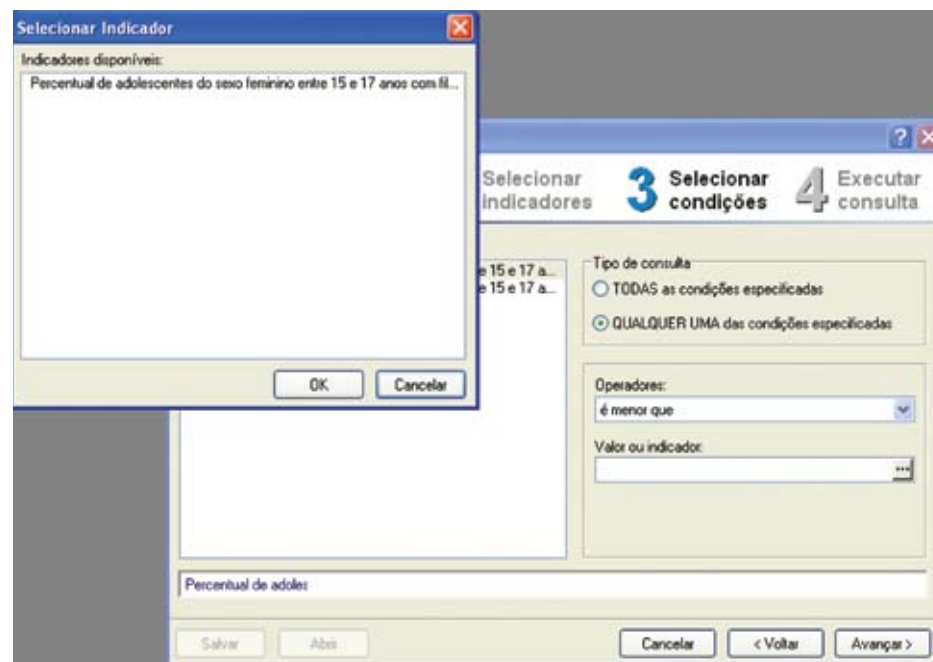
## Consulta Avançada

Na “Consulta Avançada”, as unidades espaciais podem ser caracterizadas por indicadores determinados pelo usuário. Do lado esquerdo da **tela 2**, entre os temas ou subtemas, aparece a lista dos indicadores disponíveis. Cabe ao usuário transferir para o lado direito da tela (indicadores selecionados) os indicadores desejados. Isso pode ser feito clicando com o botão esquerdo do *mouse* sobre os indicadores e depois sobre a seta de transferência, ou clicando duas vezes sobre os indicadores escolhidos. Posicionados do lado direito da tela, os indicadores podem ser organizados de cima para baixo, o que determina a ordem das colunas na planilha; para isso, basta clicar no indicador a ser movido e acionar os ícones de mão para baixo ou para cima. Também é possível eliminar um indicador, acionando o ícone da lixeira. Definidas a lista e a ordem dos indicadores selecionados no lado direito da tela, o comando “**avançar**” abre a **tela 3** (“**Selecionar condições**”).



A “**seleção de condições**” é um recurso que permite ao usuário tornar a planilha mais precisa, cruzando indicadores.

É possível identificar rapidamente onde, por exemplo, cresceu de 1991 a 2000 a taxa de meninas de 15 a 17 anos com filhos. Na **1ª tela**, são selecionadas todas as UDHS do Recife (um universo de 62 unidades espaciais); na **2ª tela**, são selecionados, no tema demografia, os indicadores “**percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991**” e “**percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000**”.



Na 3ª tela, selecionam-se o indicador de 1991 e o tipo de consulta “QUALQUER UMA das condições especificadas”; na barra de rolagem do campo “Operadores”, escolhe-se a opção “é menor que”. Depois, clica-se no botão “...”, ao lado do campo “Valor ou indicador”. Abre-se uma tela complementar (“Selecionar Indicador”) e clica-se no indicador apresentado – “percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000”. A condição escolhida aparece no campo de baixo: “percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991 é menor que percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000”.

Avançando e executando a consulta, aparece a planilha com, nas linhas, as 41 unidades de desenvolvimento humano em que o percentual de adolescentes com filhos era menor em 1991 que em 2000 e, nas colunas, as taxas respectivas. Se não for usado o recurso “seleção de condições”, deixando na barra de rolagem do campo “operadores” a menção “é qualquer valor”, o resultado seria uma tabela com as 62 unidades de desenvolvimento humano e os valores observados em 1991 e 2000, quaisquer que sejam esses valores.

Na “Consulta Avançada”, também é possível selecionar um valor de referência para uma das variáveis, de modo a cruzar os indicadores. Por meio desse recurso, pode-se verificar, por exemplo, que unidades de desenvolvimento humano tinham, em 2000, renda *per capita* superior à do município como um todo (R\$ 392,46).

Para isso, pode-se selecionar na 1ª tela, por exemplo, todas as UDHS; na 2ª tela, no tema Renda e no subtema “Nível e composição”, escolhe-se “Renda *per Capita*, 2000”; na 3ª tela, clica-se sobre o indicador e seleciona-se o tipo de consulta “QUALQUER UMA das condições especificadas”; na barra de rolagem do campo “Operadores”, escolhe-se a opção “é maior ou igual a”. No campo “Valor ou indicador”, digita-se o valor de referência: 392,46. A condição escolhida aparece no campo de baixo: “Renda *per Capita* 2000 é maior ou igual a 392,46”.

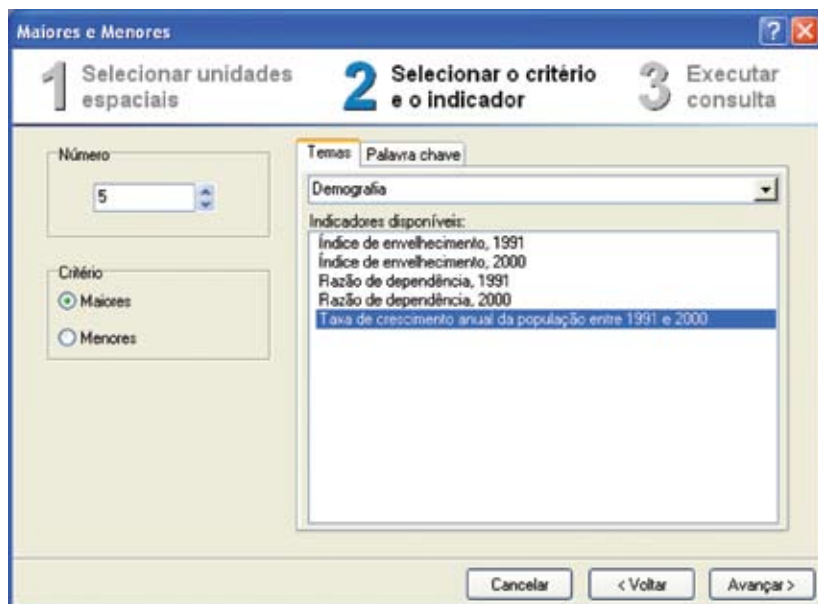
Avançando e executando a consulta, gera-se uma tabela em que aparecem 16 unidades de desenvolvimento humano e suas respectivas renda *per capita* em 2000 – o que significa que apenas essas, dentre todas as 62 UDHS do Recife, têm renda *per capita* igual ou superior à da média do município.

UDH	Código	Renda per Capita, 2000
1 BOA VIAGEM - Setúbal	47	1.163,14
2 BOA VIAGEM - Shopping	49	1.347,19
3 BOA VIAGEM / PINA - Orla, Av. Herculano Bandeira	48	1.863,64
4 BOA VISTA / ILHA DO LEITE / PAISSANDU	3	868,61
5 CASA AMARELA / TAMARINEIRA	15	902,38
6 CASA FORTE / PARNAMIRIM / JAQUEIRA / MONTEIRO	16	1.353,42
7 CORDEIRO - Av do Forte, Exposição dos Animais	26	566,69
8 ENCRUZILHADA / HIPÓDROMO / ROSARINHO / TORREÃO	7	893,14
9 ENGº DO MEIO / CORDEIRO / IPUTINGA - Bom Pastor	27	479,94
10 GRAÇAS / AFLITOS / DERBY / ESPINHEIRO	17	1.571,28
11 IMBIRIBEIRA - Lagoa Araçá, Mascarenhas de Moraes	50	570,76
12 IPSEP - Av. Jean Emile Favre, Av. Recife	51	422,33
13 MADALENA / ILHA DO RETIRO / PRADO	28	1.103,31
14 SANTO AMARO / SOLEDADE - Vilas Naval e Operária	2	615,74
15 TORRE / ZUMBI	29	761,91
16 VÁRZEA / CIDADE UNIVERSITÁRIA	33	547,80
Total AIS		--
Total ZEIS		--
Total Áreas Pobres		--
Total Outras Áreas		--
Total Recife		392,46

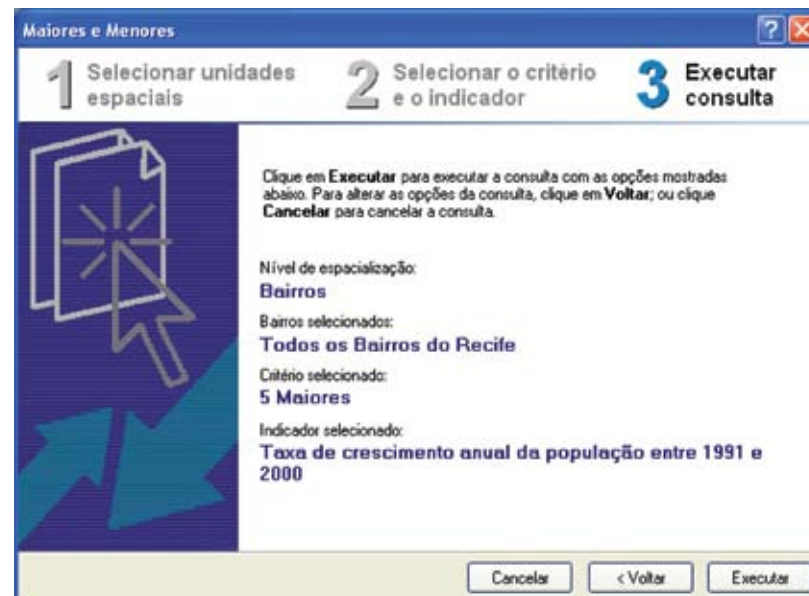
## Maiores e Menores

Em “**Maiores e Menores**”, o usuário obtém as unidades espaciais que apresentam maiores ou menores valores nos índices e indicadores escolhidos.

No lado esquerdo da **tela 2**, opta-se pela seleção dos menores ou dos maiores e indica-se o número de unidades espaciais que se quer identificar. Por exemplo, se foram selecionados na etapa anterior todos os 94 bairros do Recife e agora o objetivo é determinar **quais são os cinco que apresentaram as maiores taxas de crescimento anual de população entre 1991 e 2000**, seleciona-se a opção **maior** e o número **5**. A seguir, do lado direito da tela, escolhe-se o indicador digitando uma palavra-chave ou selecionando o tema **Demografia** ou **População** na barra de rolagem. Abaixo, aparece a lista dos indicadores relacionados com o tema e, entre eles, a **Taxa de crescimento anual de população entre 1991 e 2000**. Clicando sobre ela com o botão esquerdo do *mouse* e, logo após, no comando “**Avançar**”, ou clicando duas vezes na opção escolhida, abre-se a **tela 3** (“**Executar consulta**”), na qual aparecem as opções escolhidas na tela 1 (as unidades espaciais) e 2 (o critério e o indicador).



Ao se acionar o comando “**Executar**”, aparece a tabela – nas linhas, há os cinco bairros do Recife onde houve as maiores taxas de crescimento anual de população entre 1991 e 2000, e, na coluna, os valores dessas taxas. O mesmo procedimento pode ser adotado para quaisquer tipos de unidade espacial e indicadores.



## As Tabelas Propriedades:

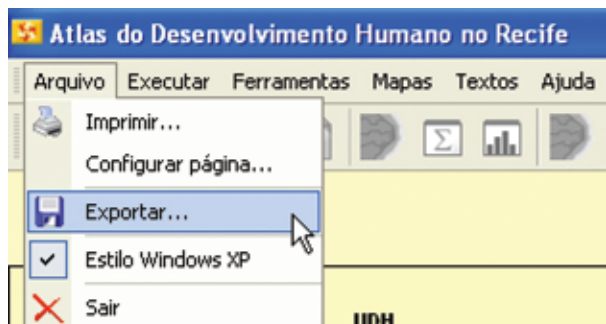
Ferramentas como “Consulta Simples”, “Consulta Avançada” e “Maiores e Menores” resultam em tabelas (ou planilhas).

Os principais recursos da tabela são:

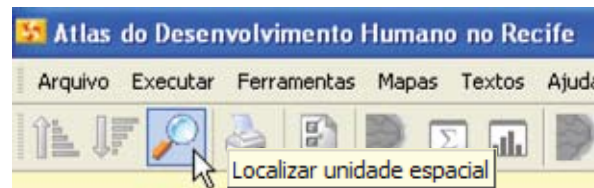
- Pode ser impressa – clique em “Arquivo” e “Imprimir”, na barra superior, ou no ícone “Imprimir planilha”;



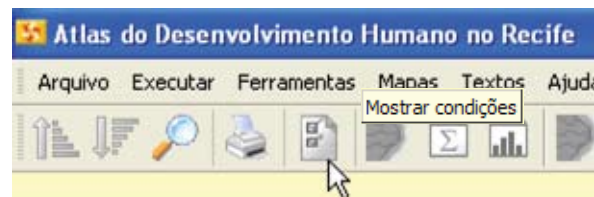
- Pode ser salva em formato .xls – clique em “Arquivo” e “Exportar” (na barra superior); esse recurso permite ao usuário associar, num programa de planilha eletrônica, os dados dos Atlas aos de outros bancos de dados;



- Permite a localização de uma unidade espacial listada na tabela – clique em “Localizar Unidade Espacial” (a lupa), que abre uma tela com uma barra de rolagem contendo a lista das unidades espaciais da planilha;



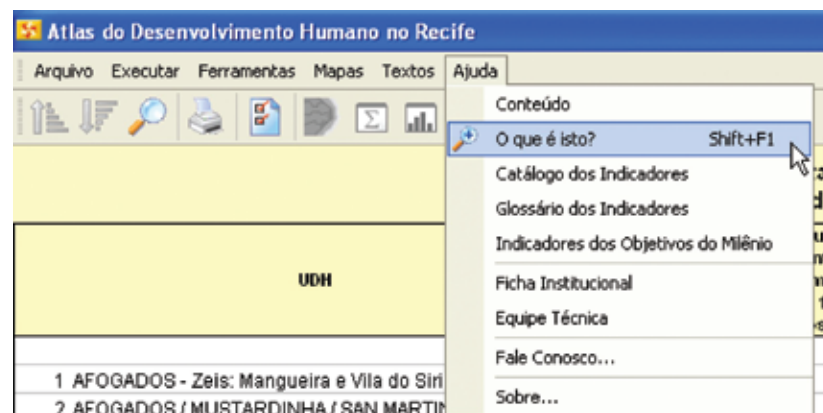
- Se for uma planilha elaborada por “Consulta Avançada”, pode ser modificada pelo usuário – clique no ícone “Mostrar condições”; essas condições aparecem numa tela (“Condições Especificadas”) e podem ser alteradas por meio do comando “Editar”, que permite refazer a “Consulta Avançada”.





Clicando em uma linha correspondente a uma unidade espacial, o usuário pode:

- Ter acesso a uma breve descrição da unidade espacial – clique em “Ajuda” e “O que é isto?”, na barra superior, e coloque o mouse sobre o nome da unidade. Para desativar o recurso, basta acionar o comando “Voltar”.



Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

**Resultado da consulta avançada  
Todas as UDHs do Recife**

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	2,56	8,58
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTIN	36	1,48	7,23
3 ÁGUA FRIA / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO	9	7,01	10,96
4 ÁGUA FRIA / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora	10	4,07	8,51
5 ALTO J. BONIFÁCIO / MORRO CONCEIÇÃO - Zeis C. Amarela	19	5,83	7,05

Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

**Resultado da consulta avançada  
Todas as UDHs do Recife**

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTIN	36	
3 ÁGUA FRIA / AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTIN	9	
4 ÁGUA FRIA / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora	10	
5 ALTO J. BONIFÁCIO / MORRO CONCEIÇÃO - Zeis C. Amarela	19	
6 ALTO JOÃO / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO	20	
7 APIPUCAIA - Zonas Especiais de Interesse Social. Correspondem ao centro do bairro do Afogados (Largo da Paz) e aos quarteirões situados ao longo da Estrada dos Remédios, das Ruas São Miguel, 21 de Abril e	14	
8 AREIAS - da Avenida General San Martin nos três bairros. Ao longo dessas vias, que se consolidaram no meio de áreas mais baixas e mal drenadas, predominam casas unifamiliares, em vilas e loteamentos, e atividades comerciais.	40	
9 AREIAS - da Avenida General San Martin nos três bairros. Ao longo dessas vias, que se consolidaram no meio de áreas mais baixas e mal drenadas, predominam casas unifamiliares, em vilas e loteamentos, e atividades comerciais.	41	
10 BARRO / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora	46	
11 BARRO / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora	42	
12 BEBERIBÉ / LINHA DO TIRO - Zeis Casa Amarela	12	

- Ter acesso à “Imagem de satélite” e ao mapa do “Sistema viário” da unidade espacial. Assim que se clica sobre a linha selecionada, os ícones relacionados com essas duas funções ficam destacados. O recurso permite visualizar a unidade espacial em imagem de satélite ou o traçado e os nomes das ruas;



Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

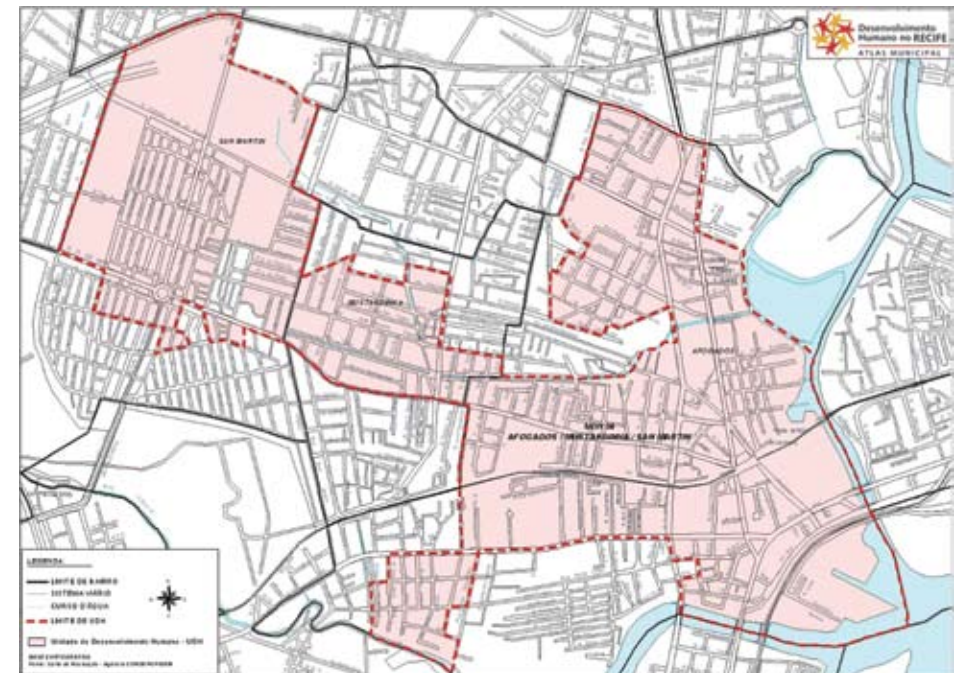
**Resultado da consulta avançada**  
**Todas as UDHS do Recife**

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	2,56	8,58
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTIN	36	1,48	7,23
3 ÁGUA FRIA / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO	9	7,01	10,96
4 ÁGUA FRIA / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora	10	4,07	8,51
5 ALTO J. BONIFÁCIO / MORRO CONCEIÇÃO - Zeis C. Amarela	19	5,83	7,05
6 ALTO JOSÉ DO PINHO / MANGABEIRA - Zeis C. Amarela	20	5,33	11,90
7 APIPUCOS / DOIS IRMÃOS / S. DOS PINTOS / GUABIRABA	14	8,54	5,45

IMAGEM DE SATÉLITE



MAPA DO SISTEMA VIÁRIO



Clicando em uma coluna correspondente a um dos indicadores, o usuário pode:

- Classificar as unidades espaciais da tabela em “ordem crescente ou decrescente” de valores – clique sobre os ícones à esquerda, com flecha para cima (crescente) ou para baixo (decrescente);



Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

Resultado da consulta avançada  
Todas as UDHS do Recife

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000
1 ILHA JOANA BEZERRA / SÃO JOSÉ - Zeis Coque	5	10,38	30,21
2 COHAB - AP UR's 10, 4, 5 / R Francisco Vitoriano	80	2,65	17,52
3 PINA - Zeis: Pina/Encanta Moça e Ilha de Deus	54	4,59	15,18
4 RECIFE CENTRO - Zeis Coelhos / AP Comunidade Pilar	4	10,70	14,06
5 AREIAS - Zeis: Caçote, Beirinha, J.Uchôa e Rio/Iraque	41	7,18	13,86
6 BOA VIAGEM - Zeis: Entra-Apulso e Ilha do Destino	52	8,20	13,83
7 MADALENA / TORRE - Zeis: Sítios Cardoso e Berardo	30	8,07	13,51
8 BEBERIBE / LINHA DO TIRO - Zeis Casa Amarela	12	1,47	12,69
9 CAMPO GRANDE / CAMPINA BARRETO - Zeis Campo Grande	8	9,59	12,64
10 BREJOS: DA GUABIRABA e DE BEBERIBE - Zeis C. Amarela	22	11,38	12,43

- Ter acesso a uma breve definição dos indicadores – clique em “Ajuda” e “O que é isto?”, na barra superior, e posicione o mouse no nome do indicador. Para desativar o recurso, clique no comando “Voltar”.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

Resultado da consulta avançada  
Todas as UDHS do Recife

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	8,58	2,56
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTINI	36	7,23	1,48
3 ÁGUA FRIA / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO	9	10,96	7,01

Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

Resultado da consulta avançada  
Todas as UDHS do Recife

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	8,58	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTINI	36	7,23	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
3 ÁGUA FRIA / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO	9	10,96	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
4 ÁGUA FRIA / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundação Fora	10	8,51	4,07
5 ALTO J. BONIFÁCIO / MORRO CONCEIÇÃO - Zeis C. Amarela	19	7,05	5,83

- Visualizar um “Mapa Temático” dos indicadores – selecione uma coluna e clique no ícone correspondente ao mapa temático.



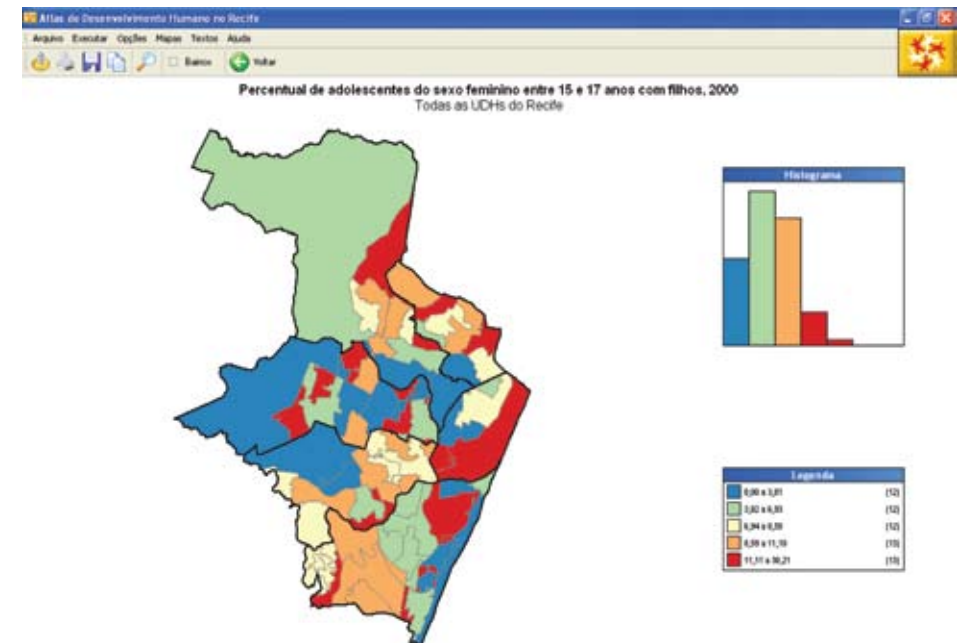
Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

**Resultado da consulta avançada**  
**Todas as UDHs do Recife**

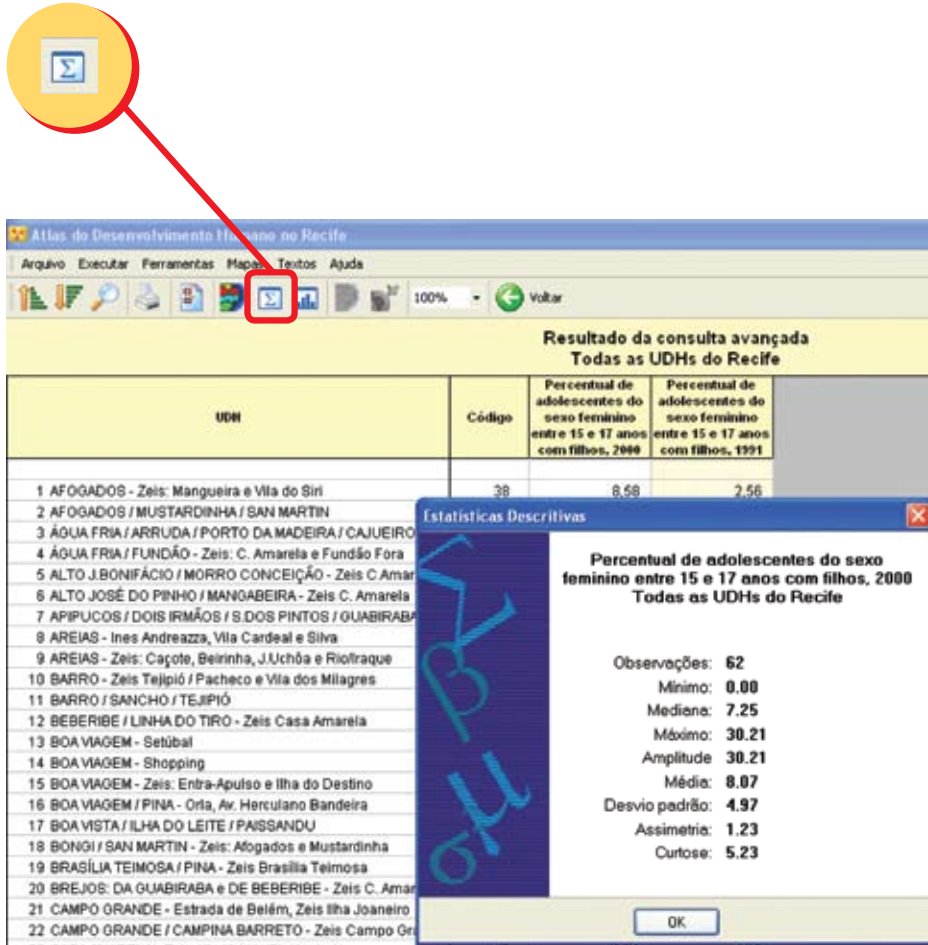
UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	8,58	2,58
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTIN	36	7,23	1,48
3 ÁGUA FRIA / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO	9	10,96	7,01
4 ÁGUA FRIA / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora	10	8,51	4,07
5 ALTO J.BONIFÁCIO / MORRO CONCEIÇÃO - Zeis C.Amarela	19	7,05	5,83
6 ALTO JOSÉ DO PINHO / MANGABEIRA - Zeis C. Amarela	20	11,90	5,33
7 APIPUCOS / DOIS IRMÃOS / S.DOS PINTOS / GUABIRABA	14	5,45	8,54
8 AREIAS - Ines Andreazza, Vila Cardeal e Silva	40	4,35	2,76
9 AREIAS - Zeis: Caçote, Beirinha, J.Uchôa e Rio/Iraque	41	13,86	7,18
10 BARRO - Zeis Tejipló / Pacheco e Vila dos Milagres	46	7,38	11,99
11 BARRO / SANCHO / TEJIPIÓ	42	10,30	2,18
12 BEBERIBE / LINHA DO TIRO - Zeis Casa Amarela	12	12,69	1,47
13 BOA VIAGEM - Setúbal	47	5,96	2,78
14 BOA VIAGEM - Shopping	49	1,45	6,11



Esse “mapa temático” poderá ser modificado, conforme veremos mais adiante.

## ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

- Para obter “Estatísticas descritivas” sobre o conjunto dos valores da coluna selecionada – clique sobre o ícone correspondente (letra sigma, parecida com um “E”);



The screenshot shows a software window titled "Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife". The main window displays a table with the following data:

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 1991
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	8,58	2,56
2 AFOGADOS / MUSTARDINHA / SAN MARTIN			
3 ÁGUA FRIA / ARRUDA / PORTO DA MADEIRA / CAJUEIRO			
4 ÁGUA FRIA / FUNDÃO - Zeis: C. Amarela e Fundão Fora			
5 ALTO J.BONIFÁCIO / MORRO CONCEIÇÃO - Zeis C.Amar			
6 ALTO JOSÉ DO PINHO / MANGABEIRA - Zeis C. Amarela			
7 APIPUCOS / DOIS IRMÃOS / S.DOS PINTOS / GUABIRABA			
8 AREIAS - Ines Andreazza, Vila Cardeal e Silva			
9 AREIAS - Zeis: Caçote, Beirinha, J.Uchôa e RioItraque			
10 BARRO - Zeis Tejpió / Pacheco e Vila dos Milagres			
11 BARRO / SANCHÔ / TEJPIÓ			
12 BEBERIBE / LINHA DO TIRO - Zeis Casa Amarela			
13 BOA VIAGEM - Setúbal			
14 BOA VIAGEM - Shopping			
15 BOA VIAGEM - Zeis: Entra-Apulso e Ilha do Destino			
16 BOA VIAGEM / PINA - Orla, Av. Herculano Bandeira			
17 BOA VISTA / ILHA DO LEITE / PAISSANDU			
18 BONGI / SAN MARTIN - Zeis: Afogados e Mustardinha			
19 BRASÍLIA TEIMOSA / PINA - Zeis Brasília Teimosa			
20 BREJOS: DA GUABIRABA e DE BEBERIBE - Zeis C. Amar			
21 CAMPO GRANDE - Estrada de Belém, Zeis Ilha Joaneiro			
22 CAMPO GRANDE / CAMPINA BARRETO - Zeis Campo Gr			

An "Estatísticas Descritivas" dialog box is open, showing the following statistics for the selected column:

Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000 Todas as UDHs do Recife	
Observações:	62
Mínimo:	0,00
Mediana:	7,25
Máximo:	30,21
Amplitude:	30,21
Média:	8,07
Desvio padrão:	4,97
Assimetria:	1,23
Curtose:	5,23

O objetivo das “Estatísticas descritivas” é obter medidas-sínteses que ajudem a descrever ou interpretar um conjunto de dados. O Atlas dispõe de nove itens desse tipo.

O primeiro a aparecer na janela de “Estatísticas descritivas” são as “Observações” – ou seja, quantos dados aparecem na coluna em questão, o que equivale ao número de unidades espaciais listadas. Na ilustração ao lado, referente ao percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, no ano 2000, há 62 observações, correspondentes às 62 UDHs do Recife.

O “Mínimo” é o valor mínimo encontrado na coluna, assim como “Máximo” é o valor máximo – o exemplo ao lado mostra que há UDHs que não abrigavam nenhuma adolescente de 15 a 17 anos com filhos em 2000; por outro lado, havia UDH em que 30,21% das meninas dessa faixa etária tinham filhos em 2000. A “Mediana” é o número que divide os 50% maiores e os 50% menores – assim, em metade das UDHs do Recife o percentual de mulheres de 15 a 17 anos com filhos era superior a 7,25%. A “Amplitude” é a diferença entre o valor máximo e o mínimo.

A “Média aritmética” ou “média” é o resultado da soma de todos os dados, dividida pelo número de dados. É fortemente afetada pelos valores extremos. No exemplo ao lado, o valor de Ilha Joana Bezerra/São José/Zeis Coque (30,21% de adolescentes com filhos) é discrepante em relação às outras UDHs, o que distorce a média.

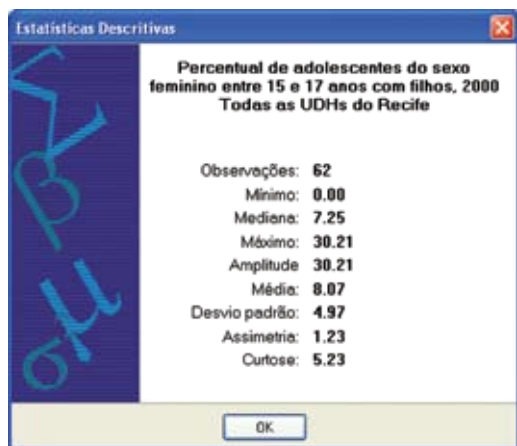
O “Desvio padrão” mede a dispersão “média” em torno da média aritmética. No conjunto das 62 UDHS, o desvio padrão é 4,97, o que significa que a maioria das porcentagens concentra-se em 4,97 pontos percentuais acima ou abaixo da média aritmética de 8,07% – isto é, entre 3,10% e 13,04%.

A “Assimetria” avalia o grau de assimetria ou de deformação de um conjunto de valores. A assimetria indica quanto os valores, quando colocados em um gráfico, se desviam ou se afastam da simetria (curva em forma de sino). O coeficiente de uma amostra simétrica é 0. Quando os valores se concentram na extremidade superior da escala, diz-se que a frequência é assimétrica negativa ou desviada à esquerda – e o coeficiente será, então, menor que 0. Quando a concentração ocorre na extremidade inferior da escala, há assimetria positiva ou desviada à direita – e o coeficiente é maior que 0. A distribuição do percentual de meninas de 15 a 17 anos com filhos, em todas as UDHS do Recife, é assimétrica à direita. Os valores concentram-se na extremidade inferior da escala. A média (8,07%) é mais alta do que a mediana (7,32%) devido a poucas porcentagens altas. A medida (1,23) representa uma forte assimetria.

“Curtose” é o grau de achatamento ou afilamento da curva de frequência ou do histograma (ver o conceito de histograma logo adiante). A curva pode ter achatamento equivalente ao da curva normal (em que a curtose é igual a 3), pode ser muito achatada (menor que 3) ou afilada (maior que 3). No exemplo ao lado, a medida de curtose da distribuição de frequência (5,23) representa uma curva ou distribuição afilada, ou seja, há vários valores que se afastam da média.

No exemplo ao lado, a medida de curtose da distribuição de frequência (5,23) representa uma curva ou distribuição afilada, ou seja, há vários valores que se afastam da média.

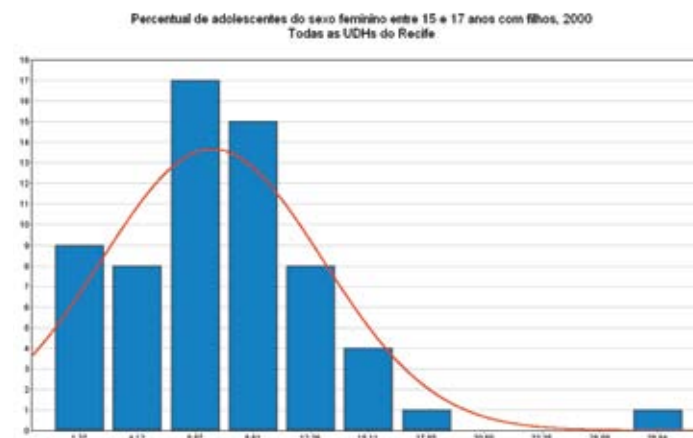
- Para obter um “histograma” relacionado com os valores da coluna selecionada – clique no ícone correspondente (um gráfico de barras);



## Histograma

O “Histograma” e o “Polígono” de frequência são usados para descrever a distribuição dos indicadores. “Histograma” – que também pode ser criado a partir da “Tela de Boas Vindas”, com seleção da unidade espacial e do indicador – é um gráfico de barras verticais que ilustra a distribuição dos dados. No eixo horizontal, é exibida a variável escolhida e, no eixo vertical, o número de observações por intervalo. As barras retangulares têm os seguintes limites: à esquerda, o indicador mínimo de cada intervalo; à direita, o indicador máximo do mesmo intervalo; no alto, o número de unidades espaciais representadas naquele intervalo. O número que aparece no eixo horizontal é uma média de cada intervalo. No Atlas, o histograma é construído com intervalos constantes – a diferença entre os limites mínimo e máximo dos intervalos é semelhante, e a altura dos retângulos é proporcional ao número de unidades espaciais representadas.

O “Polígono” de frequência, representado pela linha vermelha, mostra o formato da distribuição. O ponto mais alto da curva é a média aritmética dos dados. Quando esse ponto está no meio do gráfico, a distribuição dos dados é homogênea. Quando está à esquerda, indica que a maior parte dos dados é inferior à média; quando está à direita, é o contrário – a maior parte dos dados é superior à média. O gráfico abaixo mostra uma assimetria à direita das porcentagens de adolescentes do

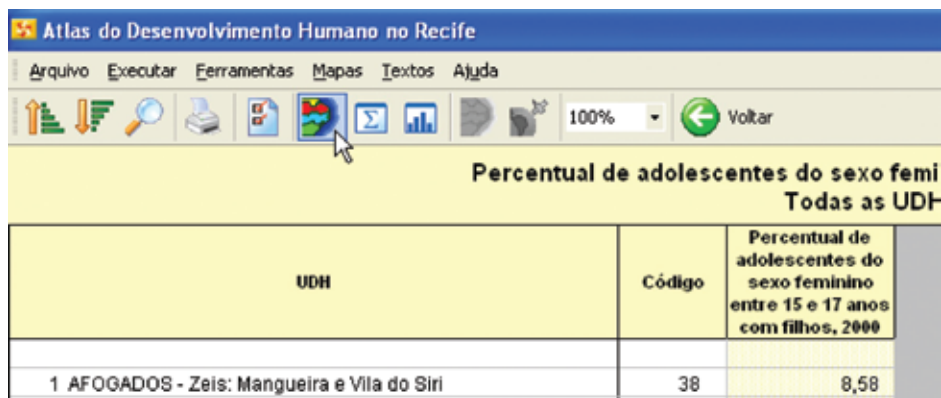


sexo feminino de 15 a 17 anos com filhos nas UDHS do Recife em 2000. Isso significa que os valores se concentram na extremidade inferior da escala, pois há poucas UDHS com percentuais altos.

## COMO FAZER MAPAS TEMÁTICOS

O Atlas permite elaborar **Mapas Temáticos**, que podem ser acionados:

- **A partir de uma planilha** – selecionando a coluna do indicador que será o tema do mapa e clicando no ícone **“Mapa Temático”**;



Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife

Arquivo Executar Ferramentas Mapas Textos Ajuda

100% Voltar

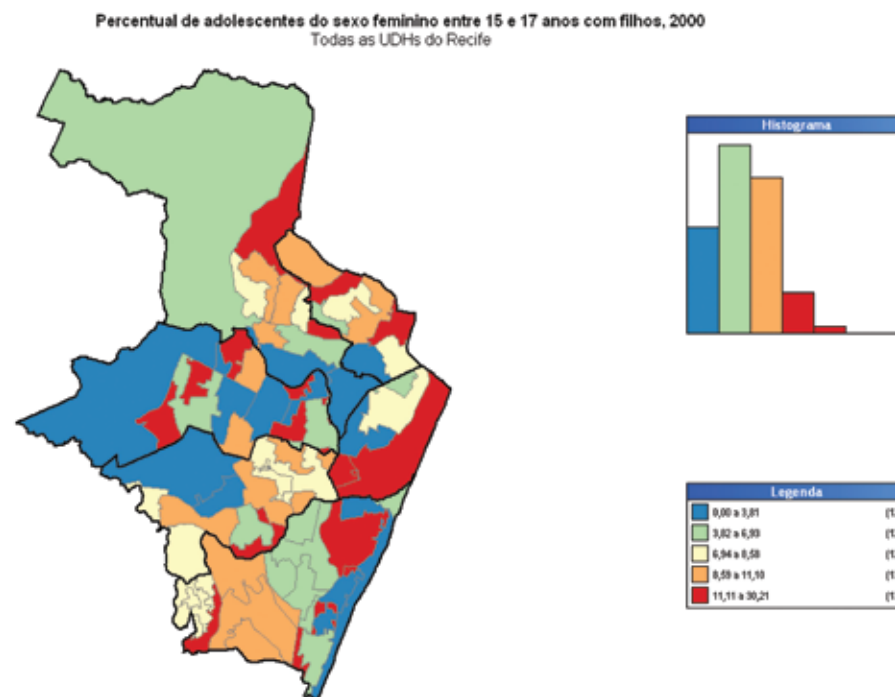
**Percentual de adolescentes do sexo femi  
Todas as UDH**

UDH	Código	Percentual de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos com filhos, 2000
1 AFOGADOS - Zeis: Mangueira e Vila do Siri	38	8,58

- **Diretamente na Tela de Boas Vindas** ou no comando **“Executar”** – selecionando o comando **“Mapa Temático”** e seguindo as etapas **“Selecionar unidades espaciais”**, **“Selecionar o indicador”** e **“Criar Mapa Temático”**. Com esse procedimento, não aparecerá a planilha correspondente ao mapa.



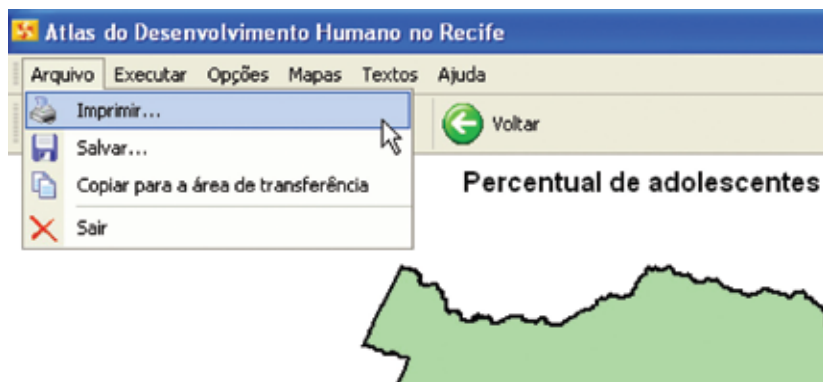
- Em ambos os casos, aparece automaticamente na tela um **Mapa Temático**, com **título**, **histograma** e **legenda com cinco intervalos de valores**. Esses intervalos distribuem as **unidades espaciais selecionadas em cinco grupos com números iguais ou muito próximos de unidades**. Mas, como veremos, **esse mapa automático pode ser modificado pelo usuário**.



## Propriedades dos Mapas Temáticos

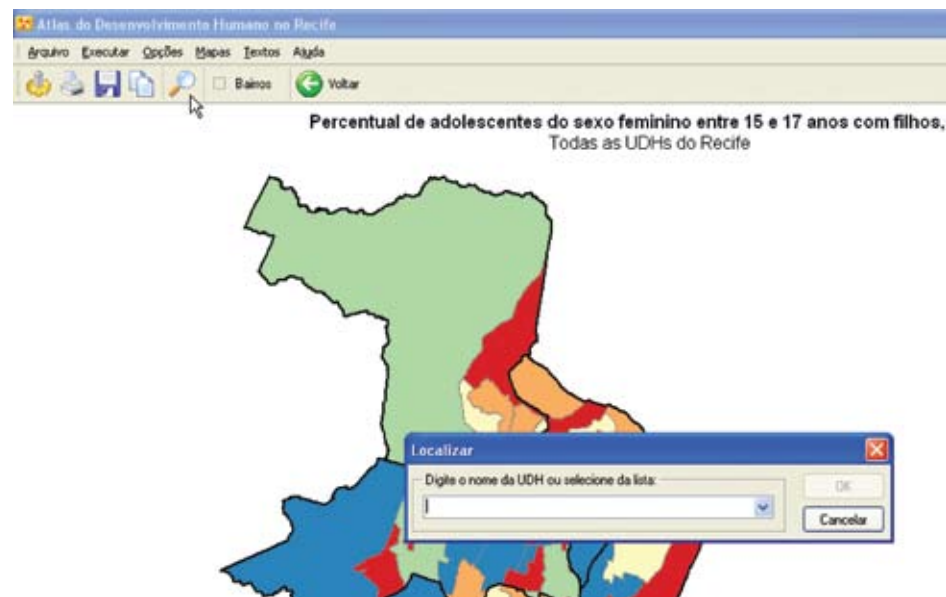
### O Mapa Temático:

- Pode ser impresso – por meio dos comandos “Arquivo” e “Imprimir” (na barra superior) ou clicando no ícone “Imprimir”;



- Pode ser salvo em formato .bmp – por meio dos comandos “Arquivo” e “Salvar” (na barra superior) ou diretamente no ícone “Salvar”. Esse recurso permite associar um mapa do Atlas a outros; podem-se usar, por exemplo, os Mapas de Referência, com escala gráfica e Norte, para melhor identificar as unidades espaciais do Mapa Temático;
- Pode ser enviado para a área de transferência do computador, por meio dos comandos “Arquivo” e “Copiar para a área de transferência” (na barra superior), ou diretamente no ícone “Copiar para a área de transferência”;

- Permite localizar uma unidade espacial, acionando o ícone “Localizar Unidade Espacial” (a lupa). O programa abre uma tela com uma barra de rolagem contendo a lista das unidades espaciais do Mapa Temático. Após a seleção, o mouse será posicionado automaticamente na unidade espacial escolhida;

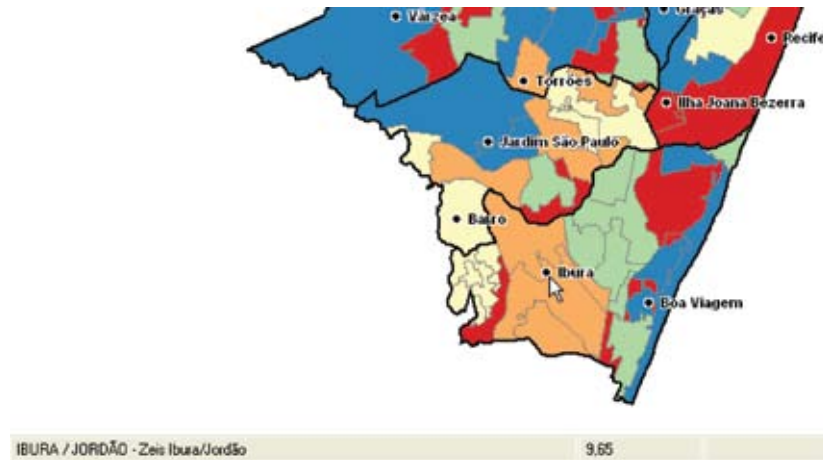


- Apresenta nomes de alguns bairros de referência, quando o usuário seleciona o comando “Bairros”;

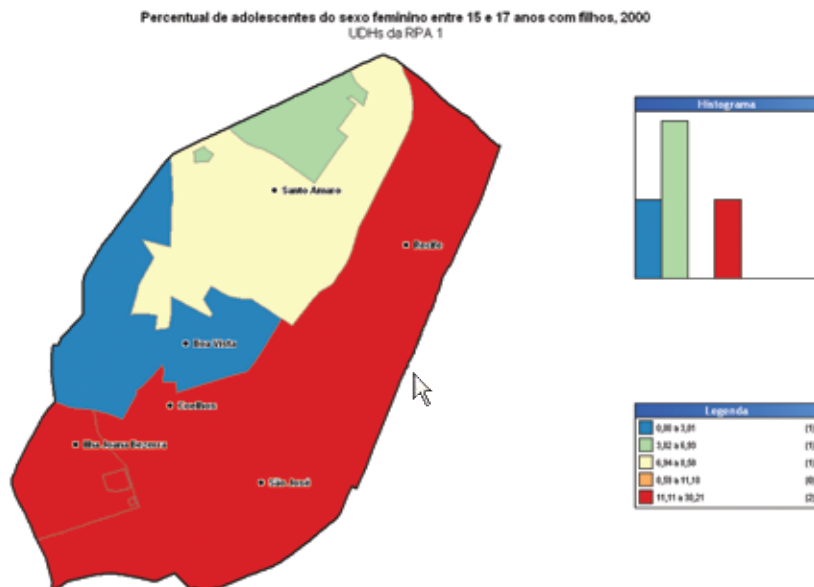




- Identifica na barra inferior o nome e o valor do indicador de uma unidade espacial, quando o usuário posiciona o *mouse* sobre ela;

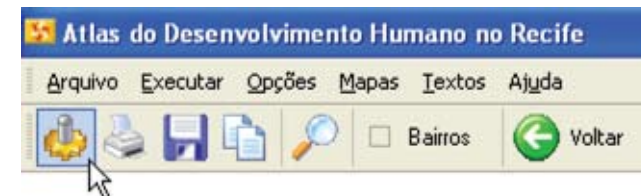


- Seleciona e amplia na tela uma das 6 regiões político-administrativas quando o usuário clica numa delas; para voltar ao mapa geral, basta clicar no mapa da região.



O Mapa Temático automático pode ser modificado a partir do ícone “Configurar mapa”, um recurso do Atlas que:

- Permite, trabalhando com a mesma planilha e os mesmos indicadores, reagrupar as unidades espaciais, por meio das opções encontradas no comando “Intervalos”; assim, o usuário produzirá mapas temáticos diferentes, observando diversas distribuições espaciais dos indicadores, e escolherá a distribuição que melhor ilustre o objetivo do trabalho;



- Permite mudanças de apresentação, que podem dar ao mapa uma linguagem mais direta e eficiente. Podem-se mudar as “Cores”, os “Títulos” e a “Legenda”.

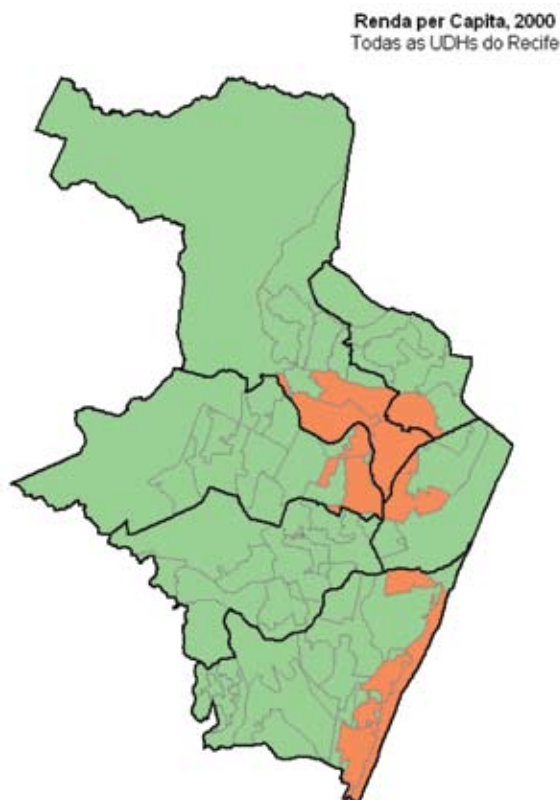
Para decidir qual a configuração do mapa temático que mais ajuda a entender a variável em estudo, é importante que o usuário conheça a distribuição de frequência dos dados e faça uma análise gráfica para decidir sobre:

- O “número” de classes a ser adotado;
- O “tipo de intervalo” de valores para o agrupamento a ser utilizado; e
- O “valor de corte”, para estabelecer o intervalo de valores que melhor se ajuste aos seus dados.

## Como reagrupar as unidades espaciais no Mapa Temático?

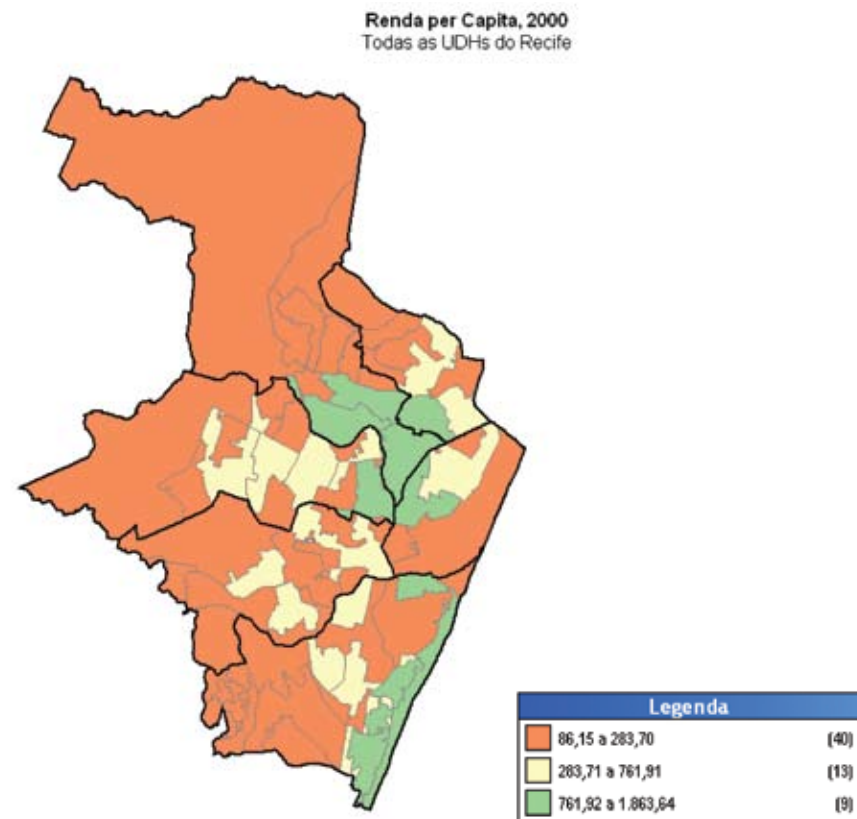
Na tela “Configuração do mapa”, na aba “Intervalos”, uma das opções da barra de rolagem é “Número”, que permite ao usuário definir em quantos grupos pretende distribuir os dados – o mínimo é 2 (para estabelecer grandes oposições), e o máximo, 7 (para análises mais detalhadas do fenômeno representado no mapa).

Essa opção permite que, com os mesmos dados, se construam mapas que transmitem mensagens muito diferentes. Observem-se os mapas da distribuição da renda mensal *per capita* em 2000 dos residentes nas 62 unidades de desenvolvimento humano do Recife. Foram usados dois grupos, depois três, depois cinco e, depois, sete. O “Tipo” escolhido foi sempre “Otimizados”.

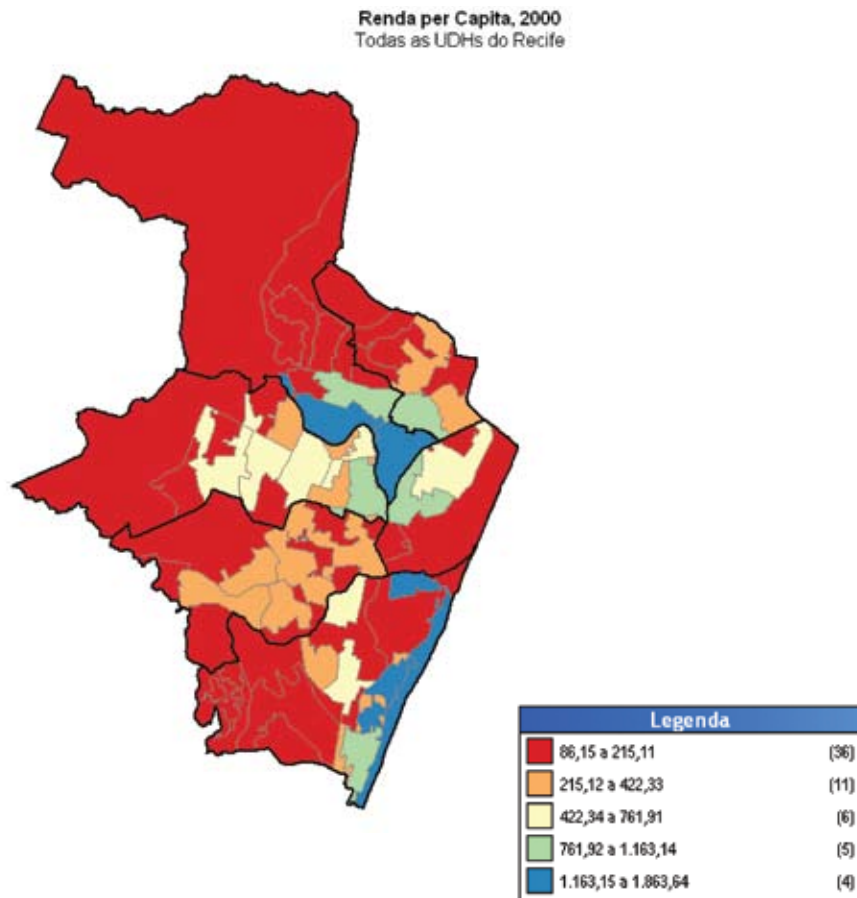


O MAPA COM DOIS INTERVALOS mostra que há poucos bolsões de riqueza no Recife, concentrados em somente dez UDHS (partes de Boa Viagem, Boa Vista, Graças, Casa Forte, Encruzilhada, Rosarinho, Tamari-neira, Casa Amarela, Madalena, Torre e Zumbi), cuja renda varia de R\$ 615,75 a R\$ 1.863,74, enquanto a grande maioria do município (52 unidades) tem renda *per capita* baixa.

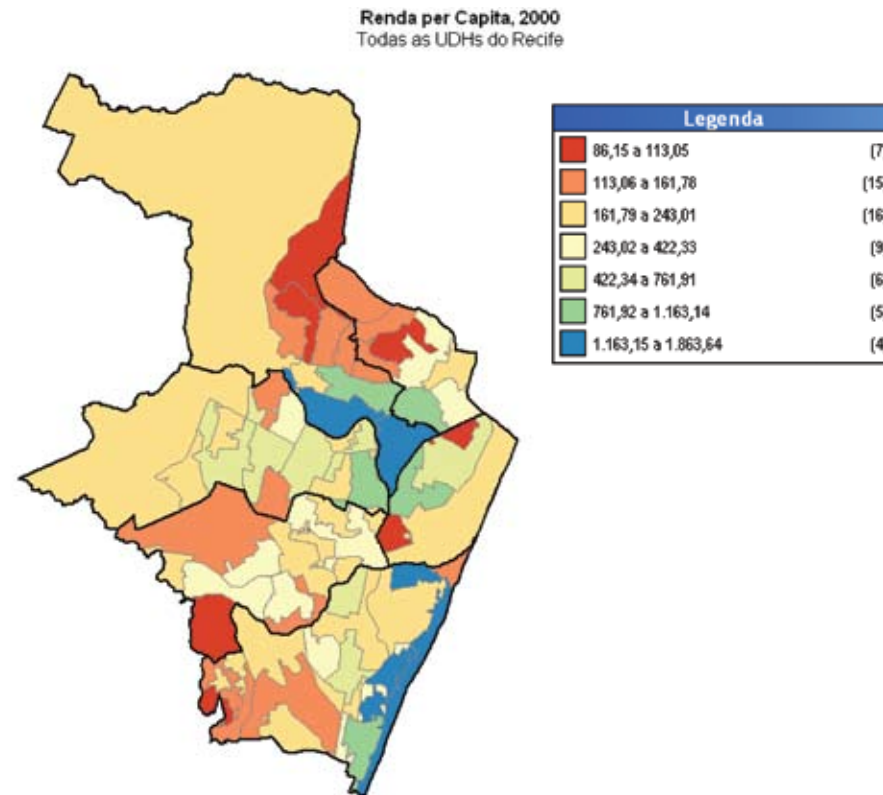
No MAPA COM TRÊS INTERVALOS, chama a atenção o grupo de unidades espaciais com valores médios (de R\$ 283,71 a R\$ 761,91). Esse grupo reúne somente uma das dez unidades que, no mapa anterior, apareciam com renda alta e 12 unidades que no mapa anterior estavam compondo o grande universo de renda baixa. Essas 13 unidades são territórios onde reside a verdadeira “classe média do Recife” (partes de Santo Amaro, Campo Grande, Arruda, Água Fria, Cajueiro, Porto da Madeira, Torre, Zumbi, Cordeiro, Iputinga, Engenho do Meio, Várzea, Afogados, San Martin, Areias, Jardim São Paulo, Imbiribeira e IPSEP). Além deles, há os poucos territórios de “classe alta” (9 unidades) e os muitos de “classe baixa” (40 unidades).



No MAPA COM CINCO INTERVALOS, os territórios dessas três “classes” apresentam nuances. Assim, alguns territórios da “classe alta” do mapa anterior (Boa Vista, Setúbal, Encruzilhada, Rosarinho, Tamarineira, Casa Amarela e Madalena) destacam-se com valores um pouco mais baixos que dos demais (Boa Viagem, Graças, Casa Forte). Nos territórios da “classe média”, destacam-se para cima partes de Cordeiro, Engenho do Meio, Várzea e Imbiribeira, e integram-se poucos territórios que, no mapa anterior, estavam no grande grupo de “classe baixa” (Tejipió, Barro, Estância, Jiquiá, Iputinga/rua São Mateus). Esse continua o mais numeroso, com 36 das 62 unidades de desenvolvimento humano do Recife.



É somente no MAPA COM SETE INTERVALOS que esse grande universo em que a renda *per capita* está muito achatada pode ser internamente diferenciado. Nem todas as unidades de baixa renda são iguais, e há sete com extrema pobreza. Com sete intervalos, podem ser reveladas as diferenças no lbura de Cima, entre as vilas (UR 1, 2 e 3) situadas nos topos, e as demais partes do bairro nas encostas; nos morros de Casa Amarela também se percebem áreas de renda um pouco mais alta, situadas perto da Av. Norte, e outras com renda mais baixa, mais afastadas.



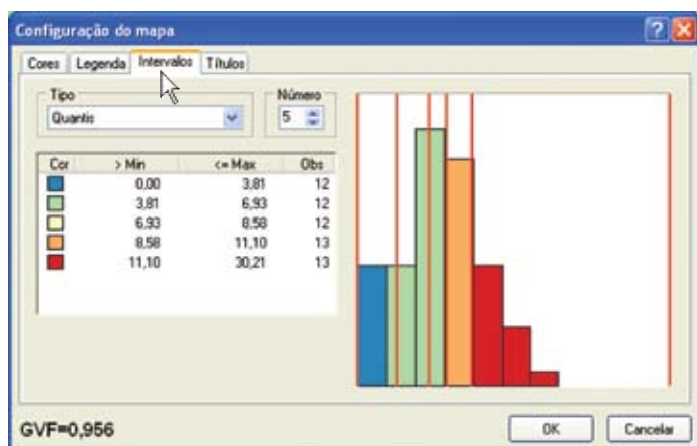
Nota-se, assim, que a variação do número de intervalos permite revelar sucessivamente: a dissimetria fundamental da renda no território (dois intervalos), a existência de territórios de renda média (três intervalos), as nuances existentes no âmbito dos territórios de renda alta e média (cinco intervalos) e diferenças poucas, mas significativas, entre territórios de renda baixa (sete intervalos).

## Como mudar o tipo de agrupamentos das unidades espaciais no Mapa Temático

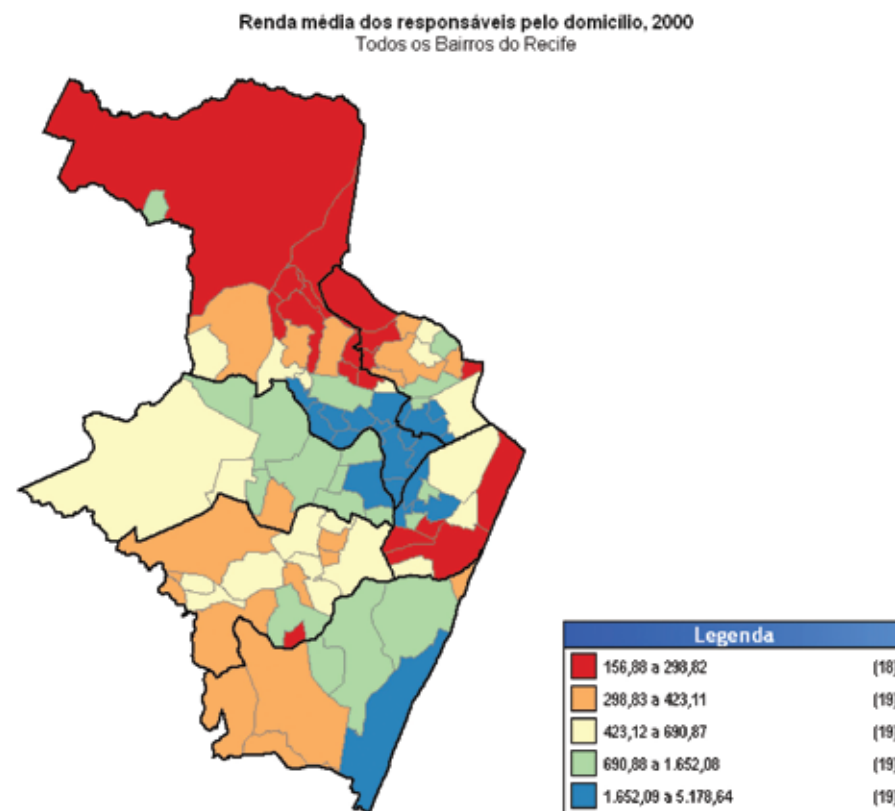
Além de configurar o “Número” de intervalos com que quer trabalhar, o usuário do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife pode escolher o “Tipo” de agrupamento que melhor se ajusta a seus objetivos.

Na tela “Configuração do mapa”, em “Intervalos”, há uma barra de rolagem com opções de “Tipo” de configuração, que permite definir a modalidade estatística que guiará o agrupamento do indicador das unidades espaciais. Há **nove tipos de agrupamento**.

O tipo “Quantis” forma intervalos com quantidades iguais ou similares de unidades espaciais. É adequado para dados distribuídos linearmente, e pode ser utilizado quando se deseja dar ênfase à visualização dos valores máximos e mínimos. Se houver cinco grupos, o primeiro reunirá os 20% (1/5) das unidades com valores mais baixos, o segundo abrigará os 20% (1/5) com valores menos baixos, e assim sucessivamente, de 20% em 20%, até o quinto grupo, formado pelos 20% com valores mais altos – ainda assim, é possível que haja unidades com indicadores bastante diferentes dentro do mesmo intervalo. Esse é o tipo que aparece automaticamente no Atlas quando se formam os Mapas Temáticos. Alterando o “Número” de agrupamentos para 4 ou 3, cada intervalo será constituído por 25% (1/4) e 33% (1/3) das unidades.

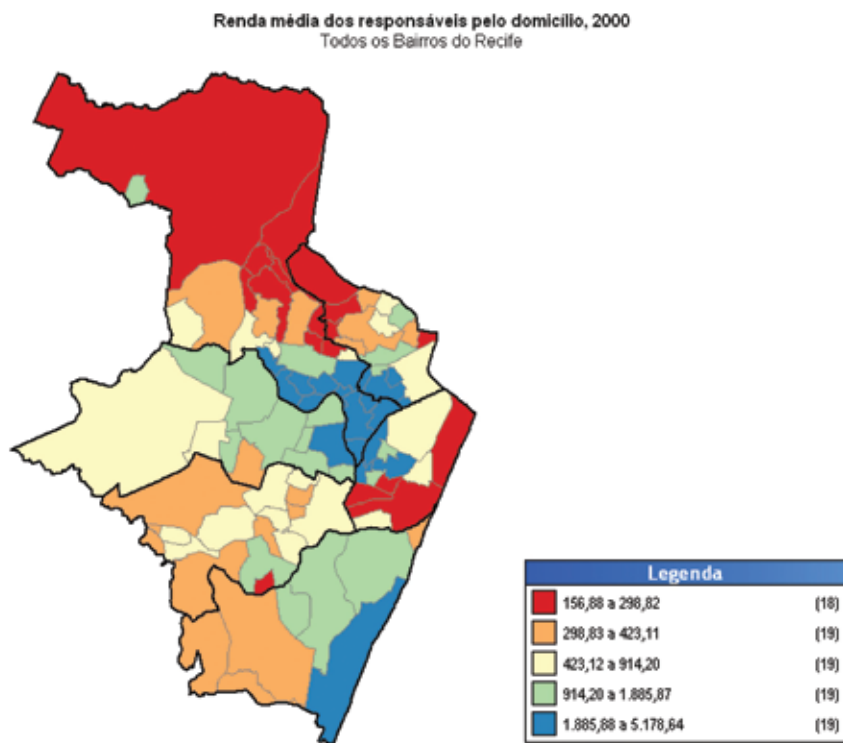


Um mapa da distribuição dos bairros do Recife segundo a “Renda média dos responsáveis por domicílios em 2000”, com cinco intervalos, dá visibilidade aos 20% dos bairros mais pobres e aos 20% dos bairros mais ricos quando se usa o tipo “Intervalos Quantis”. Junto com a legenda, o mapa mostra que, dos 94 bairros do Recife, 18 (destacados em vermelho na figura abaixo) são mais pobres – a renda média dos responsáveis por domicílios é de até R\$ 298,82. A insuficiência de renda pode indicar outras carências e servir de ponto de partida para se questionar até que ponto esses bairros estão sendo atendidos pelas políticas públicas. Dezenove bairros (20%) possuem renda média entre R\$ 298,83 e R\$ 423,11; outros 20% entre R\$ 423,12 e R\$ 690,87; e outros 20% entre R\$ 690,88 e R\$ 1.652,08. Os 20% mais ricos têm renda média superior a R\$1.652,08.



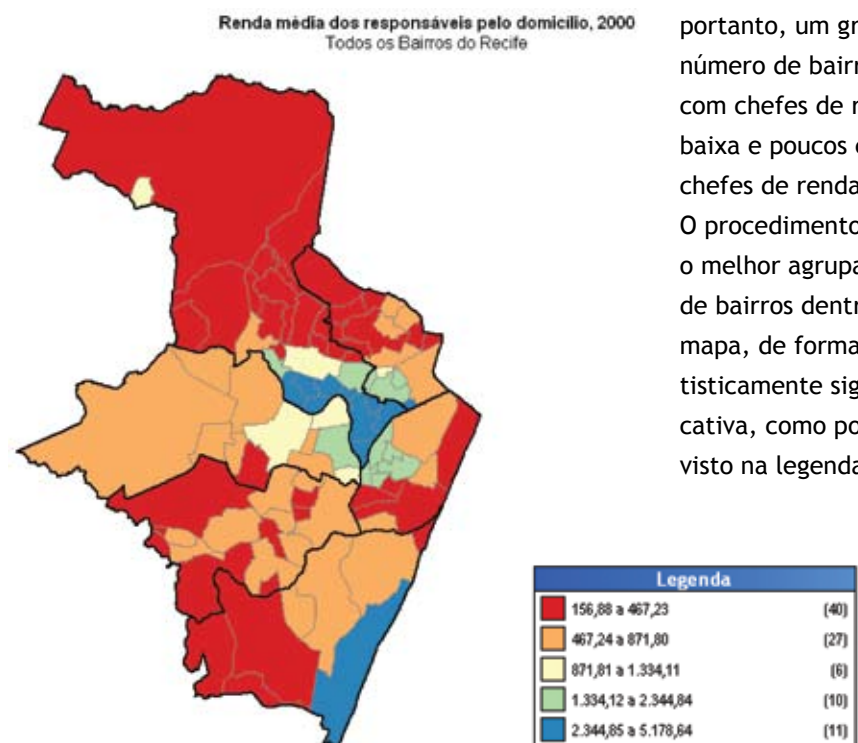
O tipo “Customizados”, também chamado de ”Personalizados”, distribui as unidades espaciais de acordo com intervalos criados pelo usuário – é esse que define os “valores de corte” dos intervalos. Só podem ser modificados os limites superiores dos intervalos – que serão automaticamente considerados como o limite inicial do intervalo seguinte. O Mapa Temático é atualizado ao se clicar no botão OK na caixa “**Editar intervalos**”.

Como exemplo, o mapa abaixo (que usou os mesmos indicadores e número de intervalo do anterior) foi personalizado para que, mantendo em destaque os bairros pobres, fossem salientados os bairros cuja renda dos chefes de domicílio fosse próxima da renda média do município. Assim, o valor do limite superior do terceiro intervalo foi alterado para R\$ 914,20, e o do quarto intervalo para R\$ 1.885,87. Essa mudança mostrou que, em 67 bairros do Recife (71%), a renda média dos responsáveis pelos domicílios é inferior à da média do município (R\$ 914,20 no ano 2000).



O tipo “Otimizados” cria os “Intervalos” de acordo com um método de formação de conglomerados ou *clusters*, de modo que os intervalos agrupem indicadores os mais semelhantes possíveis – ou seja, é o tipo que garante a maior uniformidade dos dados dentro do agrupamento. Esse procedimento permite estabelecer, de forma estatisticamente significativa, o melhor aglomerado de áreas dentro do mapa.

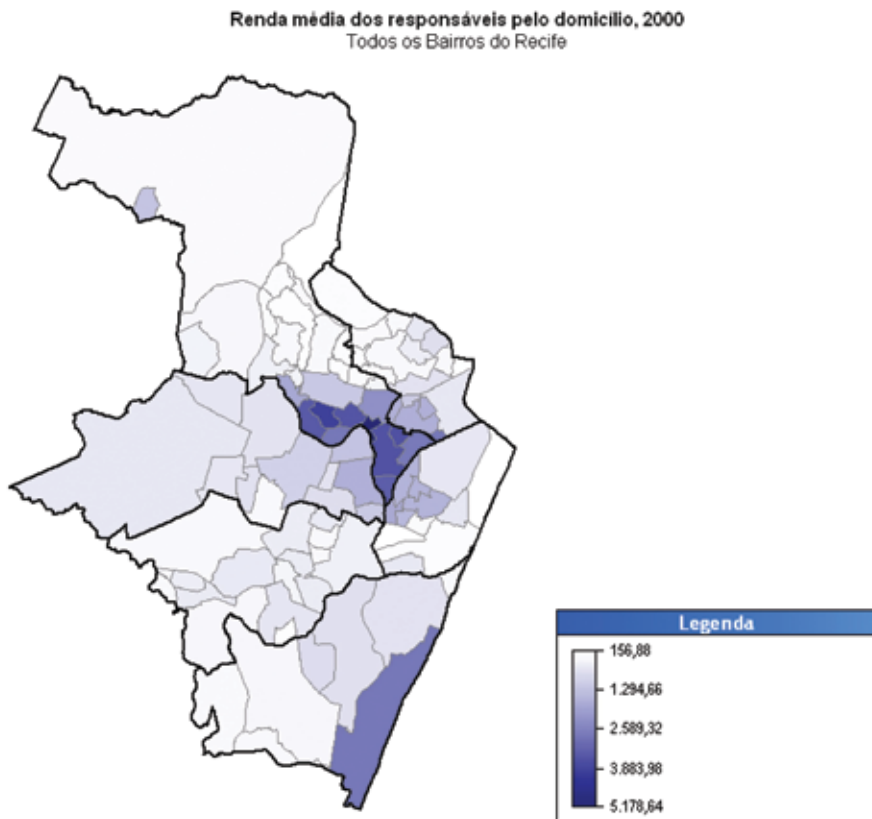
Um mapa com o método “Otimizados”, ao usar a mesma variável do exemplo anterior (“Renda média dos responsáveis por domicílios em 2000” nos bairros do Recife, divididos em cinco grupos), torna mais homogênea a distribuição dos bairros mais pobres – 40 bairros (43%) ficam no primeiro intervalo, de R\$156,88 a R\$ 467,23 –, distribui os mais ricos em dois grupos e coloca apenas seis bairros (6%) em torno da renda média dos responsáveis por domicílios (R\$ 914,20).



Esse mapa reflete, portanto, um grande número de bairros com chefes de renda baixa e poucos com chefes de renda alta. O procedimento criou o melhor agrupamento de bairros dentro do mapa, de forma estatisticamente significativa, como pode ser visto na legenda.

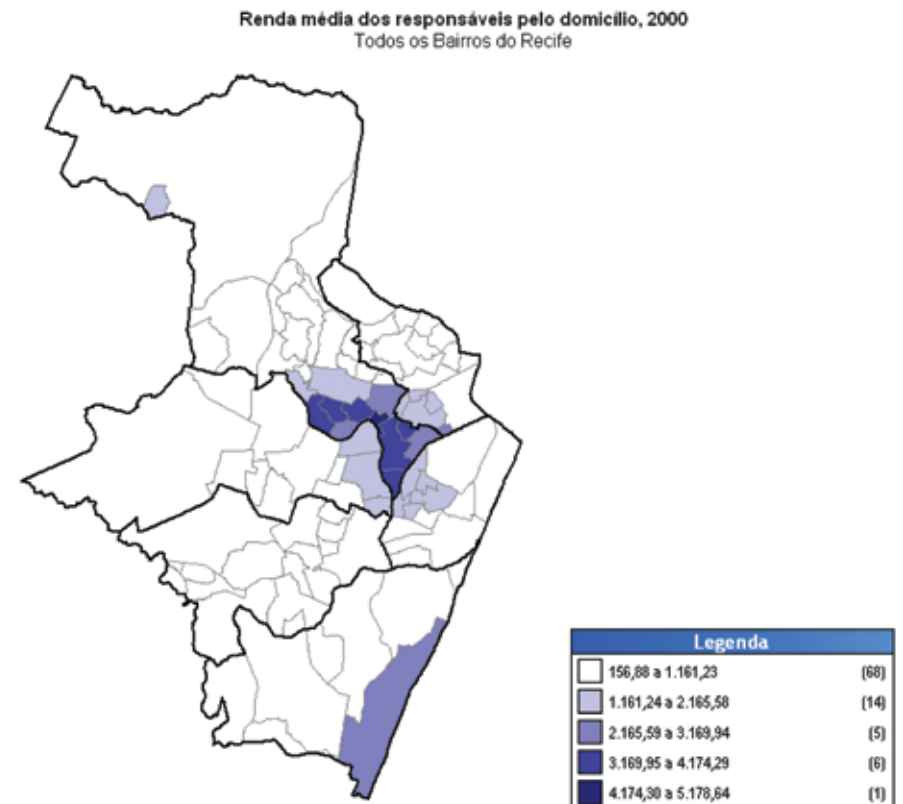
O tipo **“Contínuo”** distribui as unidades espaciais em um único **“Intervalo”**, de forma contínua. Ao menor valor registrado no mapa corresponde uma cor inicial (definida automaticamente pelo Atlas ou escolhida pelo usuário), que vai ganhando gradualmente tonalidades diferentes. Desse modo, a variação dos tons de cores acompanha a variação dos números baseada em uma escala contínua.

Com os mesmos dados dos exemplos anteriores, o tipo **“Contínuo”** considera todos os valores em um único intervalo (entre R\$ 156,68 e R\$ 5.178,64). O mapa mostra uma mudança de tonalidade da mesma cor – e, assim, apresenta com maior fidelidade as variações entre as unidades espaciais.



O tipo **“Constantes”** define os intervalos de forma que, em cada um deles, a distância entre o maior e o menor valor da variável seja similar.

Esse recurso é recomendado para as distribuições de frequências relativas, os índices e distribuições simétricas, uma vez que os intervalos de classes iguais possibilitam interpretar melhor a variação do fenômeno. Em universos muito desiguais, essa modalidade resulta em uma distribuição de frequência muito deformada. É o que ocorre com o indicador **“Renda média dos responsáveis por domicílios”**. Houve forte concentração no primeiro intervalo – com 68 bairros do Recife (72%) –, enquanto no quinto restou apenas o bairro da Jaqueira, que abriga o maior rendimento médio dos responsáveis pelos domicílios em 2000. O mapa resultante destaca os bairros mais ricos, mas não diferencia os mais pobres.

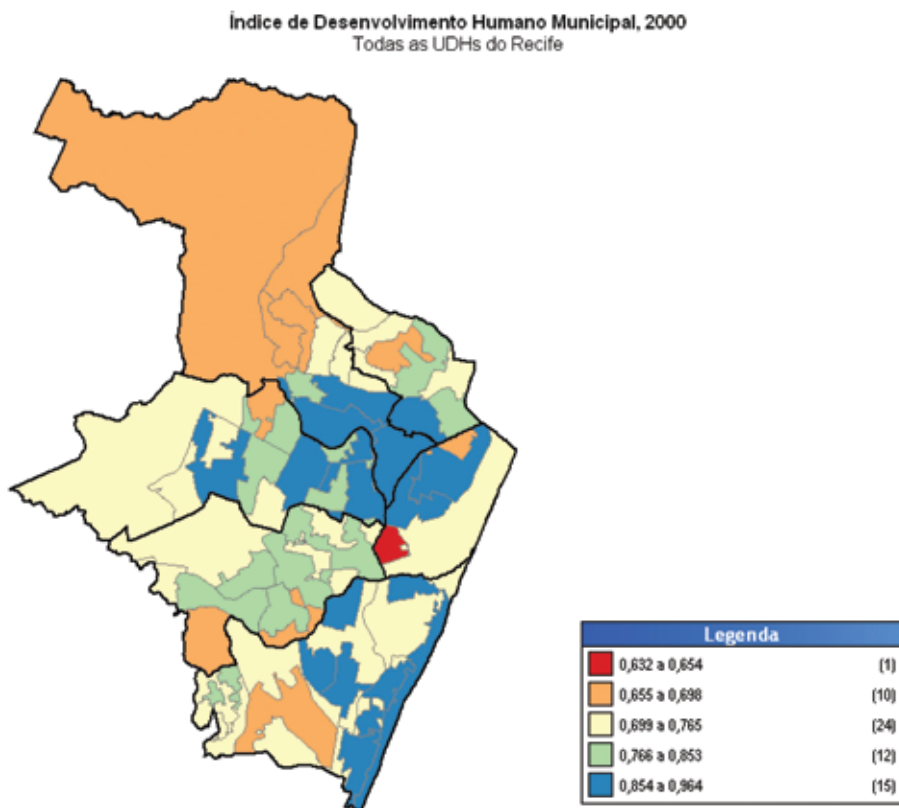


O tipo “**Progressão aritmética**” distribui as unidades espaciais em um “Intervalo” criado com base na progressão aritmética. Cada grupo, a partir do segundo, é igual à soma do anterior e de um número constante.

O tipo “**Progressão aritmética inversa**” distribui as unidades espaciais em um “Intervalo” criado com base na progressão aritmética inversa, isto é, decrescente.

Os dois tipos de “Progressão aritmética” tomam o comportamento da variável como uma reta, que aumenta segundo uma constante.

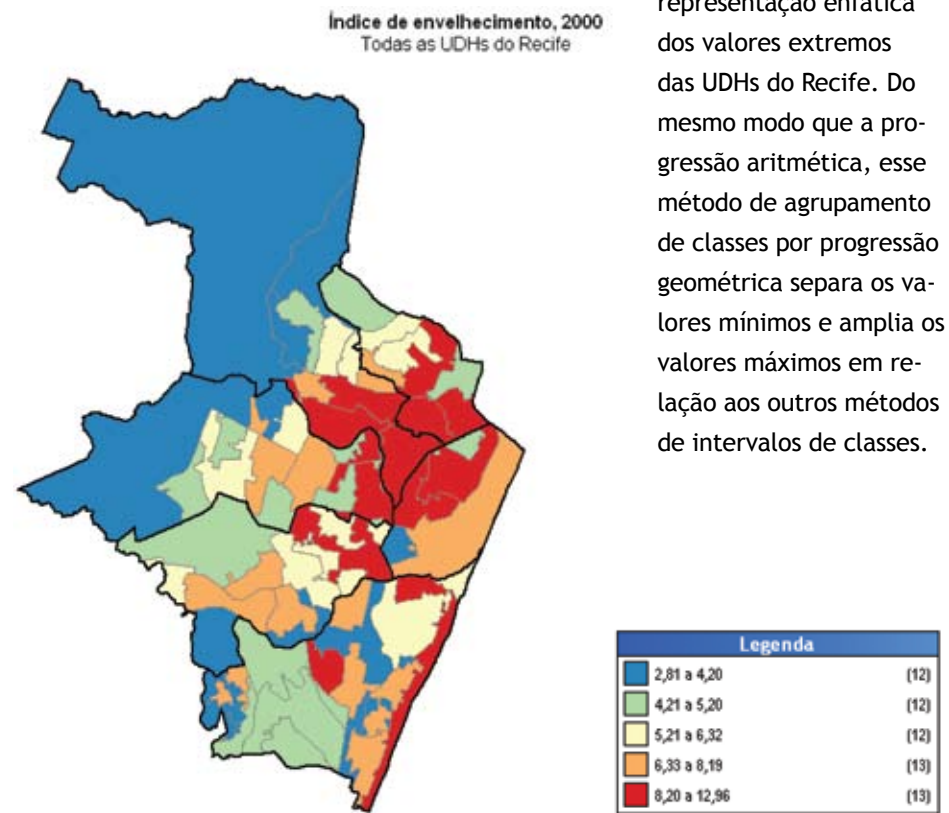
Esse mapa criado a partir de intervalos de classes por progressão aritmética enfatiza os valores extremos. Segrega o valor mínimo e amplia os valores máximos em relação aos outros tipos de intervalo.



O tipo “**Progressão geométrica**” distribui as unidades espaciais em um intervalo criado com base na progressão geométrica. Cada grupo, a partir do segundo, é igual à multiplicação do anterior por um número fixo.

O tipo “**Progressão geométrica inversa**” distribui as unidades espaciais em um “Intervalo” criado com base na progressão geométrica inversa, ou seja, decrescente.

Os dois tipos de “Progressão geométrica” tomam o comportamento da variável como uma curva, que aumenta segundo uma constante. A sequência dos dados é mais rápida do que a da progressão aritmética, tanto no crescimento quanto na diminuição.



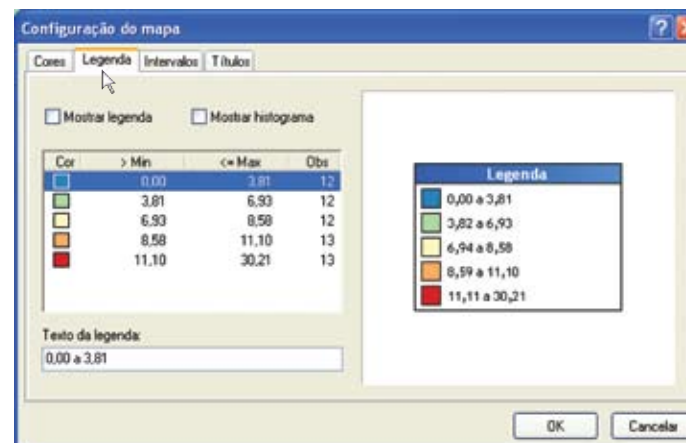
Esse mapa reflete uma representação enfática dos valores extremos das UDHS do Recife. Do mesmo modo que a progressão aritmética, esse método de agrupamento de classes por progressão geométrica separa os valores mínimos e amplia os valores máximos em relação aos outros métodos de intervalos de classes.

## Como mudar os títulos e a apresentação do Mapa Temático

Na tela “Configuração do mapa”, em “Títulos”, o usuário pode eliminar ou modificar os textos nos campos “Título” e “Subtítulo” e escolher entre dezenas de formatos de fontes.



Na tela “Configuração do mapa”, em “Legenda”, o usuário pode eliminar do mapa a legenda e/ou o histograma, desativando as opções “Mostrar legenda” e “Mostrar histograma”, ou modificar o “Texto da legenda” – eliminando, por exemplo, os algarismos à direita da vírgula.



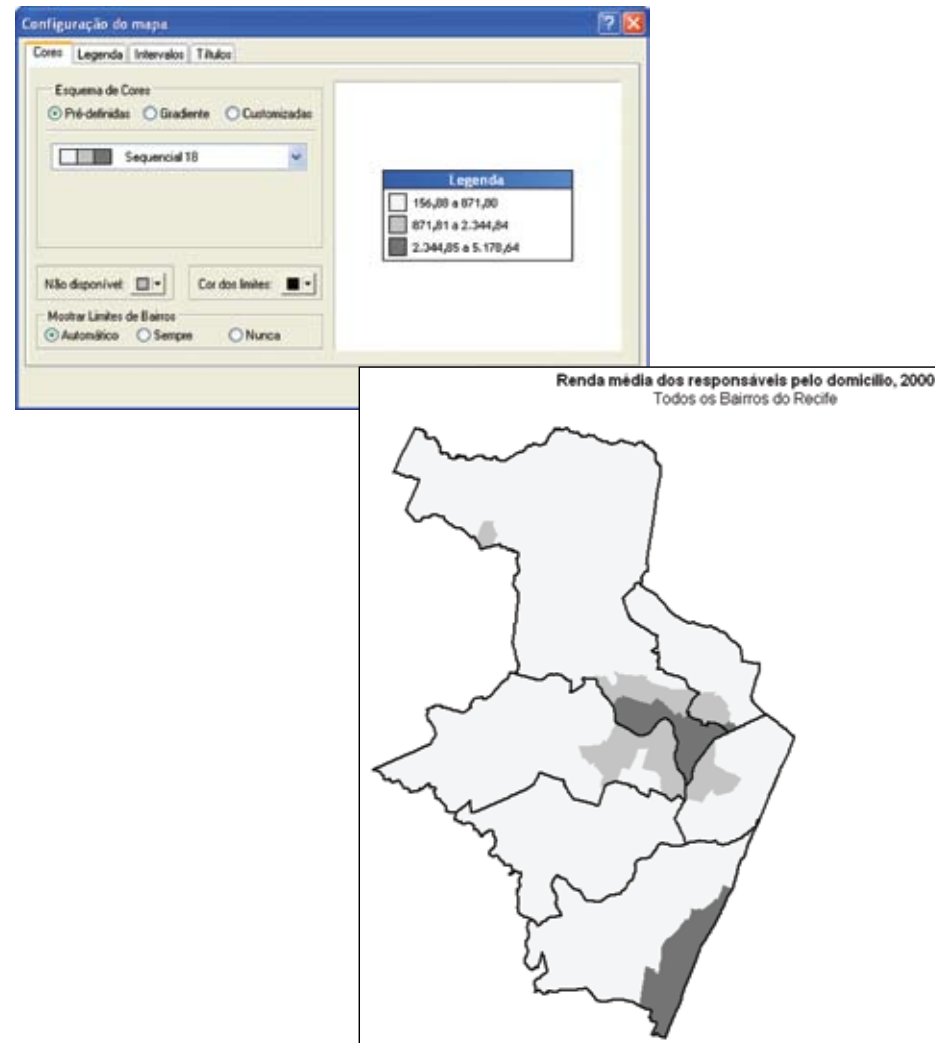
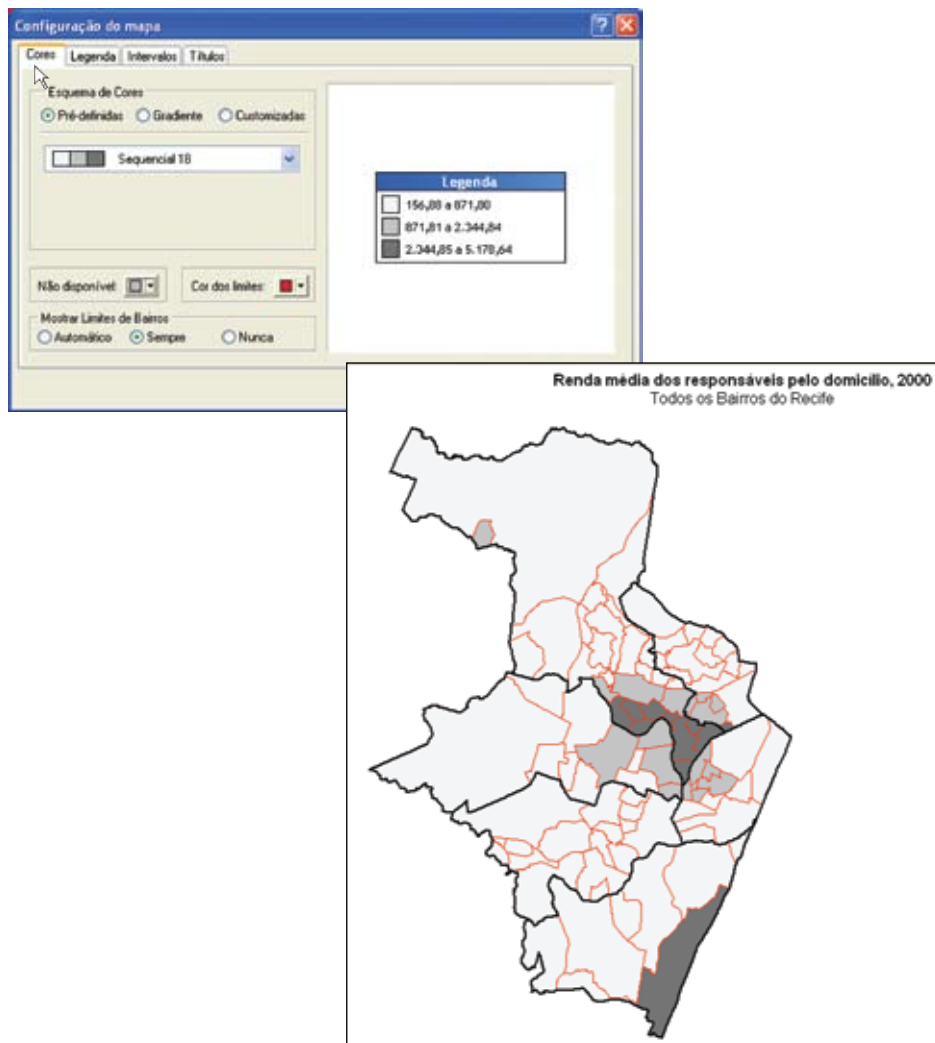


## Como mudar as cores e as linhas do Mapa Temático:

Na tela “Configuração do mapa”, em “Cores”, existe a opção de:

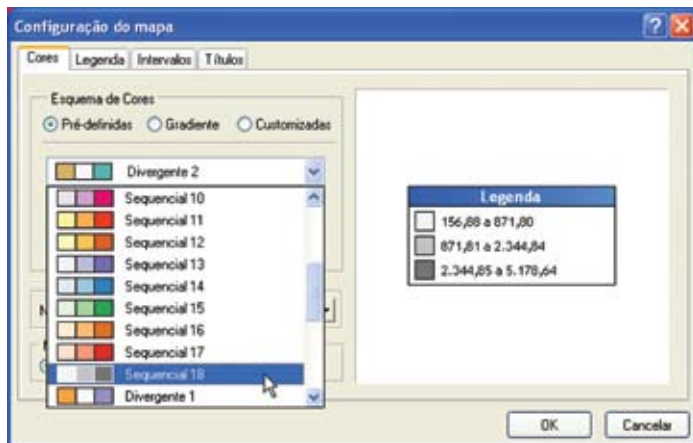
- No campo “Mostrar limites de bairros”, eliminar (selecionando a opção “Nunca”) ou inserir no mapa (selecionando a opção “Sempre”) os limites das unidades espaciais. O usuário pode ainda escolher a cor da linha (em “Cor dos limites”).

Escolhendo a opção “Automático”, aparecerão em preto os limites das seis regiões político-administrativas.

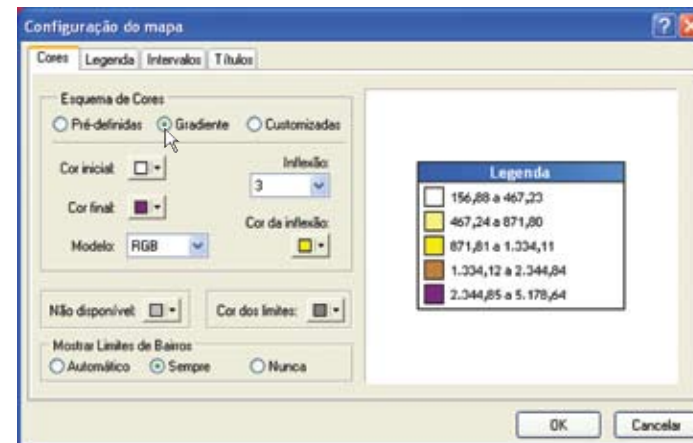


No campo “Esquema de cores”, o usuário pode alterar as cores para:

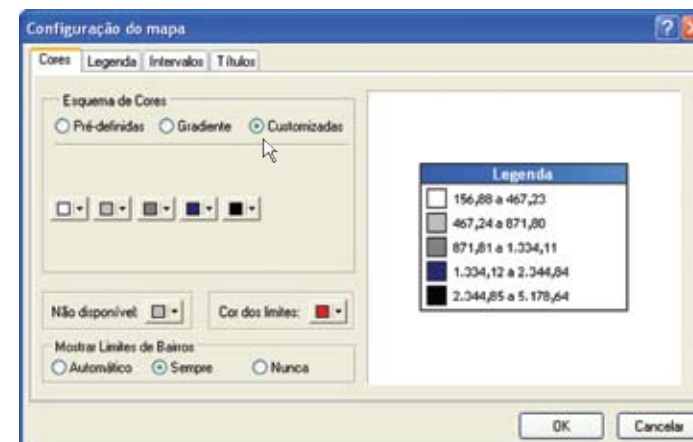
- “Pré-definidas”, e escolher entre 18 **variações sequenciais** (em que valores crescentes de um indicador são representados por meio da variação de intensidade de uma mesma cor) e 12 **variações divergentes** (em que uma cor mais clara identifica um valor médio e a oposição entre valores menores e maiores é representada por cores diferentes).



- “Gradiente”, na qual escolhe as cores inicial e final – as cores intermediárias são estabelecidas automaticamente segundo três “Modelos” (RGB, HSV ou HSL). A gradação entre as cores pode ser mais homogênea (acionando-se “Nenhum” no comando “Inflexão”) ou interrompida por uma cor diferente – define-se a posição dela na legenda (por meio do comando “Inflexão”) e escolhe-se a cor dessa inflexão.

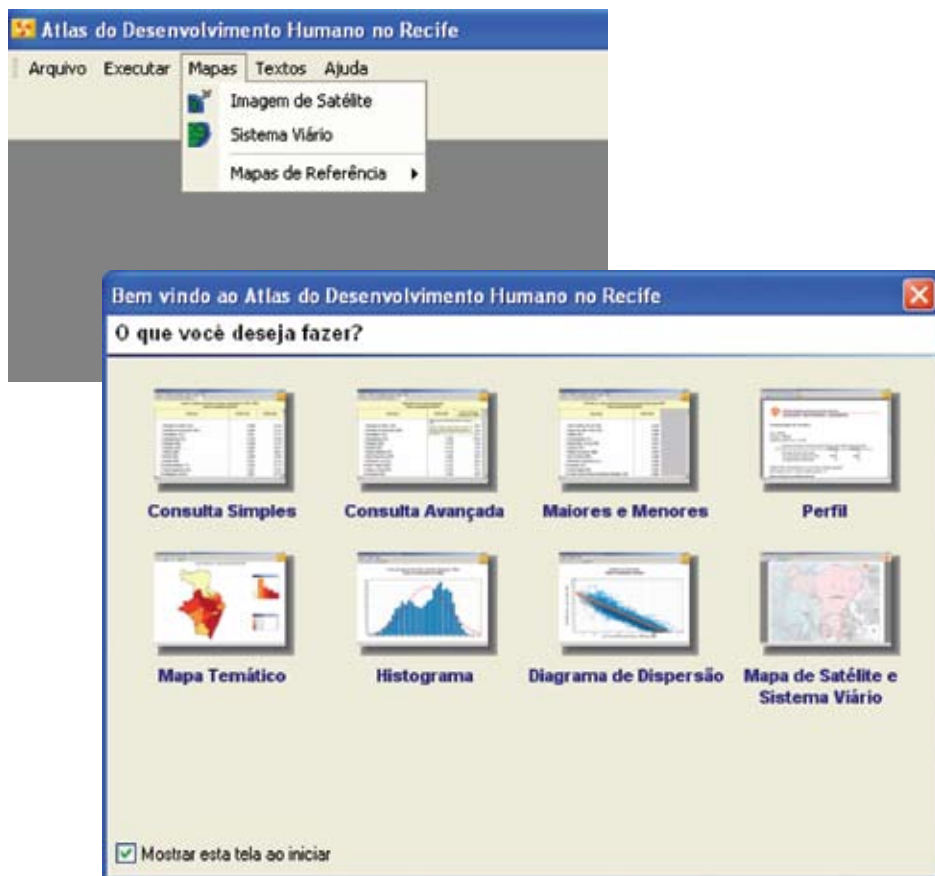


- “Customizadas”, e definir livremente cada cor.

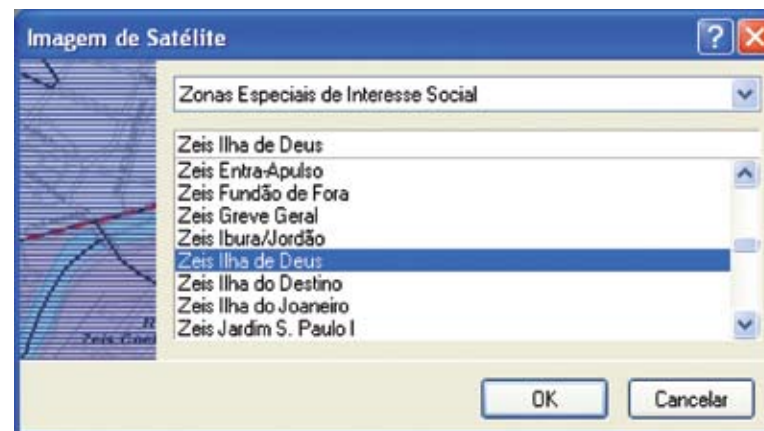
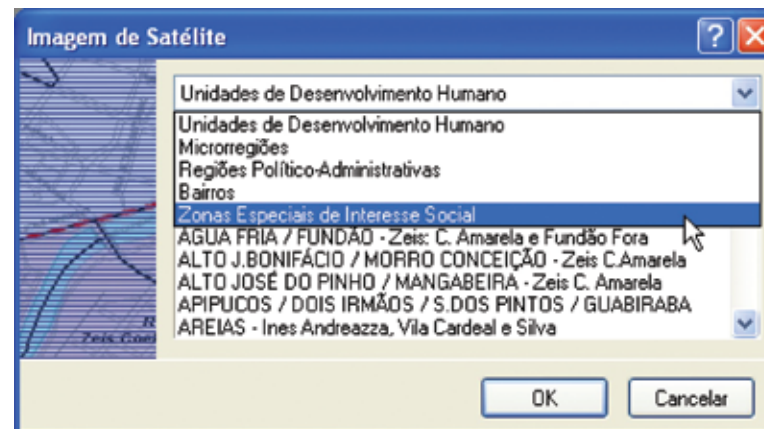


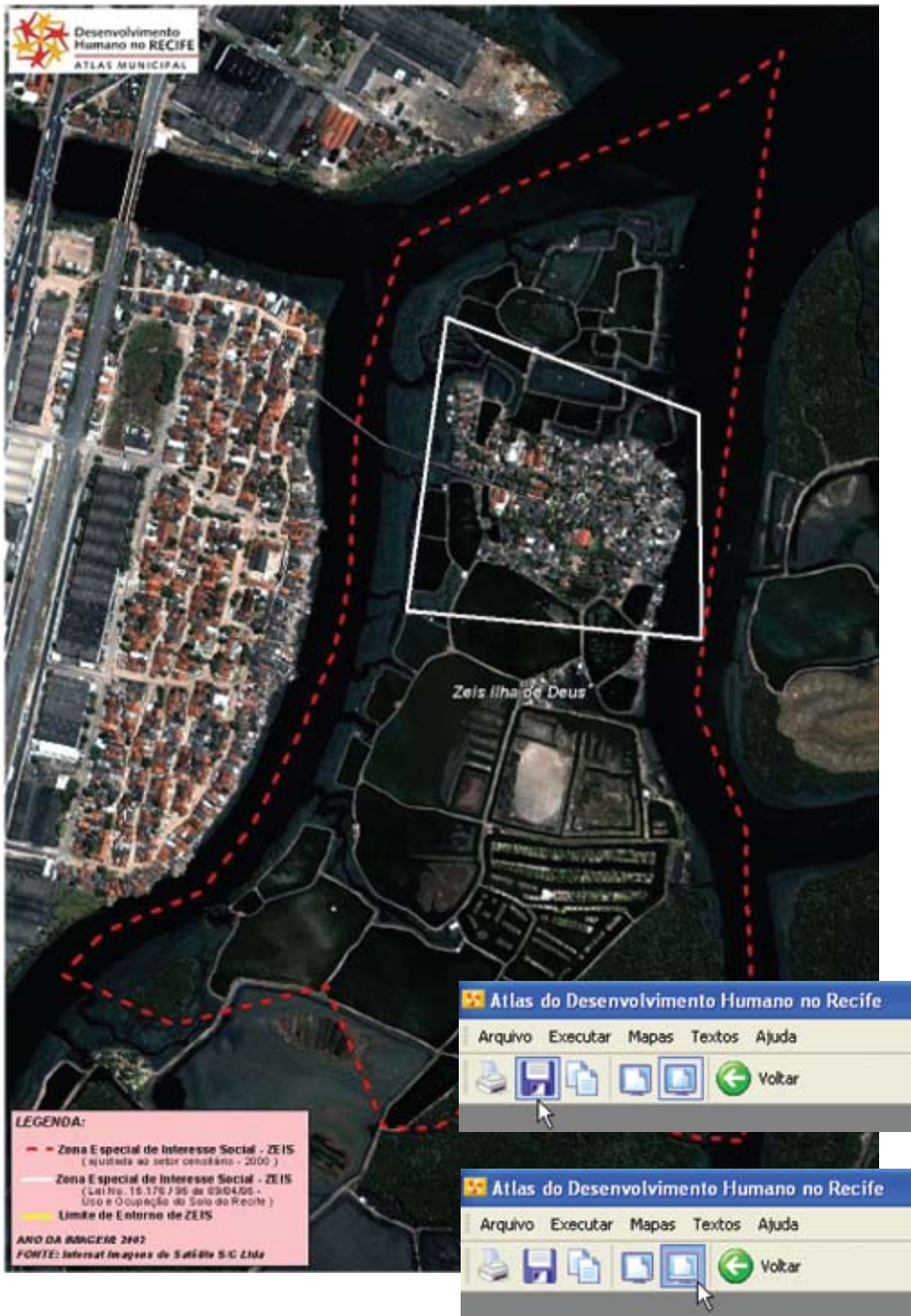
## IMAGENS DE SATÉLITE E MAPAS DE SISTEMA VIÁRIO

O Atlas traz ainda outros dois tipos de imagens – as **imagens de satélite** e os **mapas do sistema viário**. Elas estão disponíveis para cada uma das 241 unidades espaciais sobre as quais há indicadores. Para acessar as imagens, abra pela barra superior (em “Mapas”) ou, na Tela de Boas Vindas, pelo ícone “Mapa de Satélite e Sistema Viário”.



Para selecionar a imagem desejada, o usuário opta entre **Imagens de Satélite** e **Sistema Viário**. Na tela que se abre depois disso, a barra de rolagem superior permite selecionar um dos conjuntos (Regiões Político-Administrativas, Microrregiões, Bairros, Zonas Especiais de Interesse Social, Unidades de Desenvolvimento Humano) e, abaixo, a unidade espacial cuja imagem aparecerá a seguir. Recursos do programa permitem ampliar a imagem, salvá-la em formato .jpg ou imprimi-la.





## DIAGRAMA DE DISPERSÃO

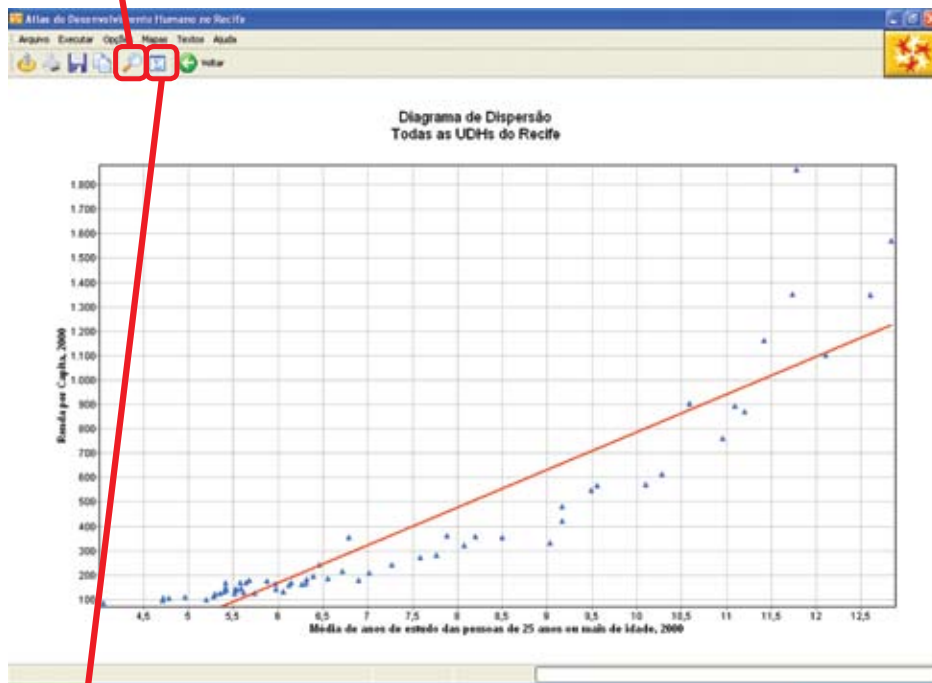
O Atlas permite elaborar Diagramas de Dispersão a partir da Tela de Boas Vindas ou do comando “Executar”. É preciso seguir as etapas “Selecionar unidades espaciais”, “Selecionar indicadores” (escolhem-se duas variáveis e seleciona-se ou não a opção de mostrar a linha de regressão) e “Criar Diagrama”.



O “diagrama de dispersão” é um gráfico que permite comparar a ocorrência de dois indicadores. Cada triângulo representa uma unidade espacial, localizada no ponto em que suas variáveis se cruzam. Há estreita correlação entre as duas variáveis escolhidas quando os pontos ficam próximos da reta. Uma reta (ou linha de regressão) ascendente indica correlação positiva (se um indicador subir ou cair, o outro toma a mesma direção); uma reta descendente indica correlação negativa (se um indicador subir ou cair, o outro toma direção contrária).

No exemplo abaixo, são comparadas as ocorrências da “Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos e mais de idade, 2000” (eixo horizontal) e “Renda *per capita*, 2000” (eixo vertical) em todas as UDHs do Recife. A reta inclinada à direita sugere que há uma relação linear direta e positiva entre a escolaridade (anos de estudo) e a renda *per capita*: quanto maior a escolaridade, maior tende a ser a renda *per capita*. Cada triângulo representa uma UDH, que pode ser localizada ao se clicar no botão

“Localizar UDH”.



Ao se clicar no botão “Mostrar estatísticas”, o Atlas mostrará os “parâmetros estimados” dos dados.

O “coeficiente de correlação” é uma medida do grau da relação linear ou da associação entre duas variáveis numéricas. O coeficiente de correlação varia entre -1 e +1, e, quanto mais próximo das extremidades, maior a correlação. Se for positivo, há uma relação direta (quando uma variável aumenta ou diminui, a outra segue a mesma tendência); se for negativo, inversa (quando uma variável aumenta ou diminui, a outra segue a mesma tendência linear, porém em direção oposta).

O “coeficiente de regressão” é, de fato, o coeficiente de determinação, ou seja, o coeficiente de correlação ao quadrado que representa a proporção da variação de Y (eixo vertical) explicada pela variação do X (eixo horizontal). No exemplo que está sendo usado, o coeficiente de 0,912 ao quadrado (ou seja, 0,831) indica que 83,1% da variação da renda *per capita* do Recife, em 2000, podia ser explicada pela variação da média de anos de estudo das pessoas de 25 anos e mais de idade.

O “Intercepto” representa o valor estimado de Y quando X é igual a 0. No exemplo ilustrado, o valor é negativo (-R\$ 759,46), o que significa, pela reta, que os analfabetos têm uma renda média estimada negativa. Essa conclusão indica que a reta não é a função adequada para relacionar renda e anos de estudo.

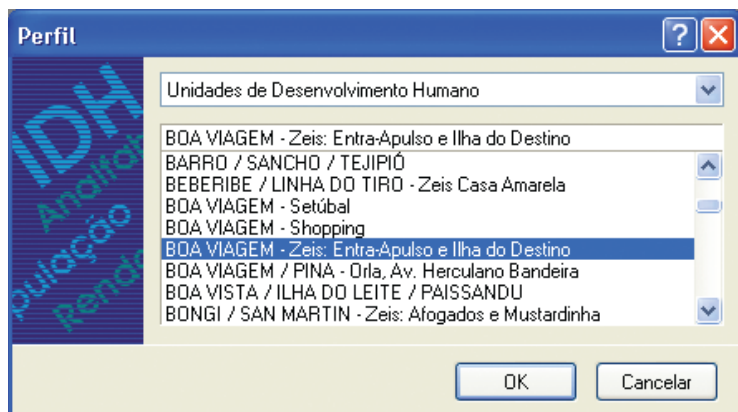
A “Inclinação” da reta representa a variação esperada na variável do eixo vertical para cada variação unitária na variável do eixo horizontal. No exemplo obtido do Atlas, a inclinação sugere que,

na média, se a escolaridade aumentar em um ano, a renda *per capita* mensal aumentará R\$ 154,505.



## PERFIS

O Atlas reúne perfis com as informações básicas sobre cada uma das 241 unidades espaciais disponíveis. Eles podem ser acessados pela barra superior, em “Executar” e “Perfil”, ou na Tela de Boas Vindas, no ícone “Perfil”. Para selecionar o perfil desejado, como no banco de imagens, o usuário seleciona na barra de rolagem um dos cinco conjuntos (Regiões Político-Administrativas, Microrregiões, Bairros, Zonas Especiais de Interesse Social, Unidades de Desenvolvimento Humano) e, logo abaixo, a unidade espacial que de seu interesse. O programa permite ampliar o texto, salvá-lo em formatos .rtf e .pdf ou imprimi-lo.



### Perfil da Unidade de Desenvolvimento Humano

#### BOA VIAGEM - Zeis: Entra-Apulso e Ilha do Destino

### Caracterização do Território

Área: 1,1 km<sup>2</sup>

Densidade Demográfica (2000): 13.080,4 hab./km<sup>2</sup>

Perímetro: 13,4 km

Distância ao Marco Zero da Cidade do Recife: 9,7 km

#### População e Domicílios (2000)

	População	Domicílios
Total	14.650	4.012
Morando em ZEIS e outras áreas pobres (AP)	14.006	3.849
Percentual morando em ZEIS e outras áreas pobres	95,608	95,948

Região Político-Administrativa: RPA 6

Microrregião: MR 6.1

Bairro:

Boa Viagem

#### Comunidades situadas em Zonas Especiais de Interesse Social (Zeis):

Zeis Borborema: Borborema, Zeis Entra Apulso: Entra Apulso e Zeis Ilha do Destino: Ilha do Destino, Paraíso, no bairro de Boa Viagem.

#### Comunidades situadas em outras Áreas Pobres dos bairros:

Beira Rio (Antiga Jock), Deus nos Acuda, Padre Glordano e Rua da Linha e Tijolos, no bairro de Boa Viagem.

#### Situação e morfologia:

Através de comunidades pobres dispersas mas todas enclavadas no bairro de Boa Viagem. São remanescentes de ocupações em palafitas nos atagados que foram posteriormente drenados por obras de aterros e canalização de cursos d'água (Rio Jordão e Canal Setúbal). Algumas dessas comunidades se consolidaram e foram transformadas em Zonas Especiais de Interesse Social, localizadas no meio de um bairro de grande valorização imobiliária. Outras mantêm-se somente em alguns quarteirões (Padre Glordano, Beira Rio, Tijolos).

## TEXTOS ANALÍTICOS

O Atlas contém um banco de textos analíticos elaborados por especialistas que estudaram o desenvolvimento humano no Recife. Os artigos, que destacam a relação entre os indicadores de condições de vida e as políticas de desenvolvimento, são exemplos de análises que podem ser feitas a partir das ferramentas do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife.

Para ler ou imprimir os textos, abra pela barra superior, em “Textos” e “Textos Analíticos”. Aparecerá a lista de artigos: “O Desenvolvimento Humano Sustentável e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”, “Recife: desenvolvimento e desigualdade”, “O que revelam os Índices de Desenvolvimento Humano”, “Demografia e Saúde - Perfil da População”, “Desigualdade de Renda e de Pobreza”, “Padrões de Educação da População Recifense”, “Desenvolvimento Humano e Habitação no Recife” e “Vulnerabilidade Social”.



Sabendo manusear o Atlas,  **você mesmo pode produzir um texto analítico** sobre um tema do seu interesse, compondo, analisando e comparando estatísticas, elaborando mapas temáticos, comentando a paisagem vista de satélite e descobrindo outros recursos do CD-ROM. Assim, conhecendo melhor a cidade no seu conjunto e nas suas partes e escolhendo como organizar, para debater e convencer, os dados que correspondem a múltiplos aspectos das condições de vida dos recifenses,  **você poderá contribuir ativamente para o desenvolvimento humano do Recife.**

## INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

### REALIZAÇÃO

Federação de Órgão para Assistência Social e Educacional – FASE

DIRETOR EXECUTIVO NACIONAL

Jorge Eduardo Saavedra Durão

COORDENADORA GERAL DO PROGRAMA PE

Luiza de Marillac Melo

Observatório Pernambucano de Políticas Públicas e Práticas Sócio-Ambientais – OBSERVATÓRIO/PE

COORDENADORA DO OBSERVATÓRIO/PE

Maria Ângela de Almeida Souza

### Prefeitura do Recife

PREFEITO DO RECIFE

João Paulo Lima e Silva

SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, OBRAS, DESENVOLVIMENTO URBANO E AMBIENTAL

Amir Schwartz

### EQUIPE TÉCNICA

#### ORGANIZAÇÃO

Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE/PE

Lívia Miranda

Observatório Pernambucano de Políticas Públicas e Práticas Sócio-Ambientais – OBSERVATÓRIO/PE

Jan Bitoun

Maria Rejane Souza de Britto Lyra

Prefeitura do Recife/Projeto BRA 01/032

Ermelinda Maria Gonçalves da Silva

Maria das Graças Duarte de Paiva

### APOIO

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD

COORDENADORA – RESIDENTE DA ONU NO BRASIL E REPRESENTANTE – RESIDENTE DO PNUD

Kim Bolduc

REPRESENTANTE – RESIDENTE ASSISTENTE PARA PROGRAMAS

Maristela Marques Baioni

OFICIAL DE PROGRAMA

Maria Teresa Amaral Fontes

ASSISTENTE DE PROGRAMA

Rafael Rodovalho

### Banco do Nordeste do Brasil

PRESIDENTE

Roberto Smith

SUPERINTENDENTE DO ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

José Sydrião de Alencar Júnior

### REVISÃO E EDIÇÃO

PrimaPagina

José Roberto Toledo

Ricardo Meirelles

Tiago Mali

DESIGN GRÁFICO

Zoludesign